O HOMEM,

OU

OS LIMITES DA RAZÃO:

TENTATIVA FILOSOFICA

DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1815.
Com licença.

INTRODUCÇÃO.

Eu morro; tudo me annuncía este proximo, e inevitavel termo: para qualquer parte, que volva os olhos, não descubro mais que documentos da morte. Eu não teria nem ao menos encarado a imagem da Filosofia, se me assustasse, ou intimidasse com esta lembrança. Eu considero a morte como hum dos dons mais preciosos da Natureza. Ella he hum meio de que a mesma Natureza se serve para a contínua successão dos individuos, ficando sempre indestructivel a sua especie: he huma lei universal, e murmurar della seria oppôr-se ás disposições eternas do Author da mesma Natureza. Eu morro; eis-aqui por outro lado huma certeza, huma evidencia

amarga ; porque, sentindo-me nascido como todos os outros individuos da especie humana com huma irresistivel tendencia para saber, e conhecer, nenhum estudo, nenhuma applicação, nenhuma observação me tem salvado da ignorancia, e morro ignorante. A Natureza tudo revela, e nada explica : eu tenho observado em si mesma esta Natureza, eu a tenho observado, e consultado em os livros dos maiores Filosofos, eu não encontro senão enigmas impenetraveis á razão humana, e contido nos limites desta mesma razão, não palpei mais do que sombras, que quanto mais se procurão romper, mais se condensão. O primeiro objecto que toca o espirito do homem pensador, he este quadro augusto do Universo ; quer ao clarão da Filosofia descortinar sua origem, conhecer sua essencia, e no mesmo instante se desengana, que he impossivel penetrar este abysmo só com as luzes da razão. Com ella

não se conhece a origem da materia, observa-se na mesma materia huma qualidade inhérente, que he o movimento, e só com a razão não se póde, nem poderá jámais conhecer a causa, e a origem do movimento. Perdi huma grande parte da minha vida na indagação destes dois enigmas pelo estudo dos escritos dos antigos; nenhum dos systemas dos Filosofos me foi desconhecido, porque nenhum delles deixa de ser exposto nos livros de Bruker; não encontrei mais do que dúvidas, fluctuações, e miseraveis, e lastimosos enganos. Li os Modernos; pôde por exemplo Descartes, ou Newton dizer como as coisas se fazem, mas nenhum delles pôde dizer, porque se fazem. (1) As minhas conclusões forão sempre estas: --- Tudo se igno-

(1) Não ha huma só opinião dos Filosofos que se não possa considerar huma verdadeira loucura; basta lêr com algu-

ra: --- Nós não sabemos em Filosofia natural, nós não sabemos em Methafisica, senão aquillo que a Revelação nos quiz dizer, mas os mysterios da Revelação são para se acreditarem, e não para se discutirem. He preciso que eu distinga sempre estes dois termos, --- Homem da Natureza, e Homem da Revelação. No estado de conhecimentos naturaes, ou filosoficos, tudo he ignorancia, bem como no estado de conhecimentos revelados tudo he sciencia, e demonstração; porque o espirito acredita, pára, e não discute. Eu não me contemplo neste estado, contemplo-me como puro Filosofo, e vejo que como tal, tudo se igno-

---

ma attenção a Historia destas mesmas opiniões em todos os que escrevêrão ou vidas dos Filosofos, ou Historia da Filosofia: eu não limito esta proposição aos antigos, estendo-a aos modernos; atracção, e turbilhões são do mesmo caracter, que qualidades occultas.

ra. Isto não he o partido do scepticismo; porque huma vez que apparecesse a evidencia, eu cederia, e o achado de huma verdade seria hum triunfo; mas eu morro ignorante como todos. E que ha demonstrado nas sciencias naturaes? Ha huma guerra interminavel de systemas, combatem-se, e destroem-se mutuamente, e todos párão nas mesmas barreiras, todos sentem os mesmos obstaculos, e nenhum delles desentranha a verdade do seio das sombras em que jaz perpetuamente envolta. Considero a sciencia Astronomica desde Thales até La Place, nem huma só verdade demonstrada. Os seculos tem produzido systemas, mas não tem produzido demonstrações; o motivo do movimento dos astros ainda se ignora, e tanto me dizem as qualidades occultas de Aristoteles, os epicyclos de Ptolomeo, como as Leis da gravitação inventadas por Newton; são chiméras os turbilhões de Descartes; tudo he sombra, enigma,

e ignorancia. Do fenómeno mais patente he sempre a causa ignorada. Donde procede o fluxo, e o refluxo? Como se accendem, e entretem os Volcões? Como se fórma o raio? Qual he a origem das fontes? Como se executa o fenómeno da geração animal? Qual he a causa da vegetação? Que coisa he esta terra em que nós habitamos? Que revoluções tem sentido este globo? Isto não sabe dizer a Filosofia, e he ser soberbo não se confessar ignorante. Tirai as palavras ao Filosofo, tirai-lhe o conhecimento da historia dos systemas, em demonstrações fica igual ao rustico. Tal he o meu estado, junto do tumulo. Eu sei o que os outros disserão, mas saber isto, não he saber a verdade; eu morro ignorante. Eu não sei dizer o que he huma estrella, eu não sei dizer o que he hum cometa, eu não conheço a essencia da luz, eu ignoro que coisa seja o ar, como se fórme o vento, como se propague o som; a

natureza do fogo he hum mysterio, e todo este apparatoso theatro do Universo hum perfeito enigma indecifravel. Se contemplo as opiniões dos Filosofos a respeito do homem ainda no Imperio da Methafisica encontro mais densas sombras. A Onthologia, que parece dar mais facil accesso á verdade, tem em si huma escuridão espantosa. A difinição dos termos substancia, e espaço tem dado lugar a funestissimos erros. Todo o systema de Spinosa aqui tem a sua origem, e bem analysados os systemas de Mallebranche, e Clarke, coincidem com o mesmo Spinosa. A Psicologia offerece outra serie de enigmas inexplicaveis, que produzírão o absurdo systema de Lubnitz, e Wolf.

Eu parei, onde todos tem parado. Nada satisfaz do que diz Locke, do que diz Condillac, do que diz Kant sobre a origem das idéas. Entre tantos e tão cegos labyrintos, não poderá o homem ao menos conhe-

cer-se a si! Antes que meus olhos para sempre se fechem, antes que o pó, e o eterno esquecimento me envolvão, quiz tentar conhecer-me a mim, e ver o que o homem só comsigo póde saber independente de tudo o que não seja seu discurso, e sua razão. Fechei pois todos os livros, esqueci-me de todos os systemas, entreguei-me á minha contemplação, entrei dentro em mim mesmo, e determinei fazer hum livro, que marque, e assignale os limites impreteriveis do saber humano. Devo dar conta de mim á humanidade antes que expire, analysando-me como se immediatamente sahisse agora das mãos da Natureza, e exercitando a faculdade de Ente pensador. Deixo hum legado á posteridade, e fórmo hum círculo á Filosofia, fóra do qual nunca se achará mais que opinião, e nunca a verdade. Vou mostrar em mim o que se póde saber, sem a Revelação. Vejo que he mui pouco; mas nada mais se sa-

be, nada mais se saberá. A douta, e soberba ignorancia deste seculo, pede a Portugal hum livro scientifico, e Portugal vai mostrar ao seculo das revoluções, e da superficialidade, que nenhum seculo até aqui soube mais do que elle lhe vai dar a saber. Fóra da Filosofia não ha sciencia, ha memoria. A sabedoria he conhecer-se o homem, e de tal maneira, que não haja, nem possa haver mais que conhecer. Theorias politicas, conhecimentos Mathematicos de pura convenção, Historia das nações, fluctuações Medicas, ou inuteis, ou perniciosas, ridiculos systemas de moral, indigestas maquinas de jurisprudencia, não se podem chamar verdadeira sabedoria. Tudo isto he sempre vario, e sempre incerto; tudo isto fará o homem instruido, porém não o fará sabio, nem se poderá chamar Filosofo, senão aquelle, que com evidencia se conhecer. O primeiro passo para não ser impio, he ser verdadeiro Filosofo.

Eu o sou, ao menos na vontade, e deixo á minha Patria neste livro hum legado precioso, cumprindo huma ordenação que ha tantos seculos fizerão os sabios: --- Conhece-te a ti mesmo: --- fóra disto não ha sciencia.

O HOMEM.

CAPITULO I.

Das substancias que compõem o Homem.

I.

EU me apalpo, e sinto o contacto dos outros corpos: mudo de lugar, sou palpavel, e divisivel, meço o meu corpo em todos os sentidos. O que he tacteavel, e visivel, tem figura, e o que tem divisão, extensão, movimento, he corporeo; logo eu consto de corpo, cuja me-

canica, he huma obra perfeitissima da Omnipotencia Divina. (1)

II.

Acaso direi eu, que taes idéas, e sensações, são puros effeitos da fantasia, e que são v. g. purissimas illusões as victorias dos Moscovitas? Direi que são puras imaginações cem mil homens que vejo dessangrados pelas margens do Dnieper, e do Boristhenes? Não, porque eu sou modificado por tantos, e tão diversos objectos, e eu consto de hum corpo.

---

(1) Tem chegado a tanto o delirio Filosofico, que Mallebranche diz mui seriamente que não está certo da existencia dos corpos, senão pela Revelação: não he só delle este exaltado Pyrronismo; não mentem assim os sentidos.

III.

Mas além de me sentir palpavel, e impenetravel, sinto dentro em mim tambem huma grande força de pensar em tantas idéas, de as combinar entre si, de as comparar com outras, de querer, de não querer, de me tornar sabio, honrado, e ditoso; e muitas vezes, entregue a huma profunda meditação compondo, ou escrevendo, me alheio de meus sentidos, e penso differentemente de quanto obro com a força do corpo. Sinto muitas vezes este mesmo corpo são, e agil, e pelo contrario sinto o animo afflicto, e contristado, e *vice versa*, acho-me muitas vezes com o corpo debil, e enfermo, mas com o espirito tranquillo, e alegre, como se lê de Socrates, de Epicuro, de Epitécto, e de Cicero: finalmente, muitas vezes refreio hum desejo com outro desejo.

IV.

Daqui concluo, que taes effeitos como entre si contrarios, e destructiveis, não podendo ser produzidos por huma mesma substancia, o são por diversas; logo, alèm do corpo, he preciso conceder ao homem o espirito. Sendo pois os effeitos do espirito em tudo contrarios aos effeitos do corpo, he claro, que no espirito não se póde conceber cousa alguma de extensão, de gravidade, de partes, de côr, mas sómente actividade, simplicidade, pensamento, e duração.

V.

Segue-se que taes substancias, ainda que tão differentes entre si, estão unidas de maneira que se não póde separar huma da outra, sem a total destruição do inteiro composto, nem huma póde obrar (em quanto unidas) sem o soccorro da outra.

VI.

Mas tu me poderás oppôr, que póde ser o corpo como hum envoltorio do espirito, como suspeitou Platão, e não huma das partes que compõe o homem; e eis-aqui o homem puramente espirito. Póde ser o espirito material, e eis-aqui o homem todo corpo. Podem ambas estas substancias ser modificações varias da mesma substancia do Mundo, como disse, primeiro Seneca (1) e depois Spinosa, e eis-aqui o homem divino. Respondo, que taes opposições são falsas; porque estas duas substancias estão tão fortemente ligadas entre si, que não se desperta huma vontade no espirito, que se não communique ao corpo, nem este sente

---

(1) *Omne hoc quod vides, quo divina atque humana conclusa sunt, unum est: membra sumus corporis magni.* Seneca Epist. 95.

impressão alguma a qual ao mesmo tempo não excite n'alma huma sensação uniforme. Logo, ambas as substancias conspirão a formar hum mesmo todo. Em quanto á segunda opposição, digo, que tanto repugna o pensar ao corpo, como a extensão, e a figura ao espirito. Os effeitos, e as modalidades contrarias devem atribuir-se a substancias diversas: logo, são duas as que compõe o homem. Finalmente ainda que a opinião do Filosofo Spinosa seja ou respeitavel, ou grande, como presentida por Seneca, porque eleva a nossa natureza acima de si mesma, e parecesse aos olhos deste Filosofo propria para inspirar a virtude, imaginando-se huma porção da Divindade, e impondo-se, como se impôz, huma lei, de não obrar coisa alguma, que não fosse digna de Deos, não sahindo jámais das regras do justo, e do honesto (1), todavia,

---

(1) Não posso tranquillamente ouvir

não se póde conceber maior absurdo, que este fantasiado freneticamente

---

injuriar sem razão este Filosofo, que, por seu muito engenho, honra Portugal, onde nasceo em 1633, sendo pouco depois levado por seus pais para Amsterdão com seu Mestre Jacob Murteira. He ímpio o systema do Pantheismo que elle seguio, mas era hum homem irreprehensivel em costumes; modesto, sendo tão grande, e tão sabio; desinteressado, porque regeitou dez mil florins annuaes que lhe offereceo a Sinagoga Portugueza, se quizesse tornar para o seu gremio. Regeitou as offertas do grande Condé, que o visitou em pessoa na sua casa na Haya, e lhe dava seu Palacio para morar em París, huma pensão, a liberdade de imprimir, e a sua protecção. Regeitou a cadeira de Filosofia de Heidelberg, que lhe offerecia o Duque de Duas Pontes, com seis mil florins annuaes. Cedeo da herança de seus pais a favor de sua irmã unica Merian de Spinosa; trabalhou com suas mãos para se sustentar parcamente. Hia todos os Domingos ouvir na Igreja Cathedral da Haya o Sermão, que explicava

pelos Estoicos, e renovado pelo Filosofo Spinosa; porque na verdade

---

depois aos domesticos da casa onde vivia; dizendo-lhes fossem justos e tranquillos. Náo se póde chamar apostata hum homem que náo recebeo o baptismo, porque depois que deixou a Sinagoga náo abraçou Religiáo alguma, e fallando-se-lhe huma vez no Mysterio da Encarnaçáo, disse que náo sabia o que era, porque nunca fôra instruido nos principios do Christianismo. Tratou unicamente de Filosofia, separando-a da Theologia, e assignando os limites a ambas: *Unaquæque suum regnum obtineat: nempe ratio regnum veritatis et sapientiæ; Theologia vero, pietatis et obedientiæ. Tract. Theol. Polit. Cap.* 150. Finalmente, náo se deve considerar Spinosa senáo pelo lado da Filosofia, e se Bayle, talvez por prevençáo particular, náo começasse a declamar contra o Filosofo, talvez náo se detestasse hum homem pouco entendido, ou náo lido. Se se perguntar aos que com horror proferem o nome de Spinosa, se o lêráo, talvez digáo que náo. Se eu tivera tempo de fazer

he hum systema repugnante á razão, e que se oppõe ás noções mais evidentes do espirito humano. Destes principios concluo, que o homem não he só espirito, nem só corpo, mas he hum composto de ambos, os quaes, como entre si diversos, assim tambem diferem da substancia Divina.

VII.

Ora he preciso conhecer tão grande, e tão admiravel composto por meio de huma analyse circunstanciada de todas as suas diversas modalidades, e progredindo das mais ás menos conhecidas começarei das modalidades da materia, que me servirão para estabelecer, e determinar as partes que compõe o homem. Alongando a vista aos corpos, acharemos

---

parallelos, póde ser mostrasse haver mais Pantheismo em Mallebranche, que em Spinosa.

que se compõem de huma multidão de particulas ou corpusculos estreitamente unidos entre si, e chamamos a esta união, extesnão, a qual he tão propria da materia, que he sempre inseparavel della. Depois, da quantidade se deriva a divisibilidade, e desta a alteração, e não se podendo imaginar hum concurso de partes sem extensão, nem esta sem figura, segue-se que toda a materia he figuravel. Finalmente, sentimos que todos os corpos nos resistem no seu contacto; a tudo isto eu ajunto a mobilidade, a gravidade, a força de inercia. Taes atributos são communs a todos os corpos; porém como da união do espirito recebe a materia outras affeições, estas, ainda que sejão muitas, eu as reduzo á sensibilidade, e á irritabilidade.

VIII.

Primeiramente, entendo por sensibilidade a alteração dos fluidos

movidos por causas exteriores, e interiores; as primeiras são todas as sensações das côres, sabores, cheiros, e sons: as sensações frias, quentes, humidas, asperas, temperadas graves, e agudas, as quaes se referem á novidade dos objectos, sua formosura, deformidade, e utilidade. As interiores são, a força do espirito, a da fantasia, dos solidos, dos fluidos, e dos habitos contrahidos. Em segundo lugar, sirvo-me do termo, irritabilidade, para significar a reácção do corpo movido das sobreditas causas, o qual se altera na razão composta da sua força elastica, e das forças opprimentes, cuja gradação segue constantemente. Daqui concluo em primeiro lugar, que variando a densidade, e a celeridade dos fluidos as resistencias e a elasticidade dos solidos no homem, deve ser varia a sua irritabilidade, e conseguintemente, varia a sua maneira de obrar. Concluo tambem, que dada a igualdade nestas coisas,

pela exacta igualdade das pressões, e irritações devem ser iguaes, não só os movimentos mechanicos, mas uniformes os gráos da intellecção. Concluo finalmente, que he necessario hum tal conhecimento; porque elle influe infinitamente na felicidade, e miseria humana, tanto real, como apparente. Nestas affeições do corpo, e do espirito está radicada a força da fantasia dos temperamentos, das propensões, e dos appetites. Quem desejasse pois hum cálculo exacto de seu estado moral, lhe seria preciso ter em conta todas as forças opprimentes de seu fisico, e saber igualmente todos os gráos de sua sensibilidade, e irritabilidade, e por ultimo, os da actividade de seu espirito, e educação.

IX.

Eis-aqui em breve expostas as propriedades do corpo absoluto, e as que se lhe accrescentão mediante

o commercio do espirito, cujos attributos he preciso expôr. Em primeiro lugar, sinto dentro em mim huma grande força de pensar, isto he, de ler em minha fantasia huma infinidade de idéas impressas na mesma fantasia, e a ella conduzidas pelos sentidos externos; estas, combinando-se com outras, me offerecem hum numero interminavel de verdades. De taes forças nascêrão tantas sciencias, e artes mechanicas, tão opportunas a nossas primeiras necessidades: o que supposto, pergunto; o pensamento he modificação da materia, ou especial aptitude do espirito? Respondo, que ainda, que os animaes brutos nos admirem, e confundão muitas vezes a natureza do nosso espirito, todas as suas acções se reduzem a huma especie de mechanismo, são as mesmas em todos; e as do homem, varião infinitamente no mesmo individuo. O desvairado Helvecio reduz a somma das causas pelas quaes os homens varião

dos brutos ás seguintes: 1.° á diversa estructura organica; 2.° á falta de mãos; 3.° á vida mais breve; 4.° as menores precisões nos animaes; 5.° á união social mais estreita entre os homens. Respondo ao 1.° que a varia organização não fórma a total variedade, e ainda que se observem animaes astutos, nunca excedem a esfera da pura sensibilidade; ao 2.°: cortem-se as mãos ao homem, ficará sempre admiravel pela força do pensamento, porque a razão, e não a disposição corporea o distingue dos animaes brutos; ao 3.°: que he verdade que a demora da existencia, concorre muito para o engrandecimento moral de hum homem. Se Rafael de Urbino, Pascal, e Spinosa tivessem vivido mais, produzirião mais admiraveis obras no seu genero, mas daqui não se segue que a brevidade da vida seja quem tolha aos brutos o engrandecimento moral: ainda que vivessem milhões de annos, sua intelligencia não au-

gmentaria hum só ponto. Os corvos vivem o triplo do homem, e morrem mais estupidos do que nascem; succede o mesmo aos elefantes, aos veados, ás serpentes. Ao 4.º digo, que he falso que nos homens, as necessidades sejão maiores: os caprichos do luxo não são as primeiras necessidades, os objectos destas, são poucos: ao 5.º respondo, que a união entre os brutos he mais estreita, porque elles não tem os immoderados movimentos da ambição humana. As abelhas, se perdem sua Rainha, morrem, ou deixão para sempre a colmêa: as fomigas, os macacos, as gralhas, e as ovelhas vivem em estreita união. Leia-se Lesser na Theologia dos insectos. Dirás, que o mais ou o menos não formão a differença de natureza; se houvesse variedade, tambem se devia admittir entre os homens; digase pois, ou que os homens se devem reduzir á condição dos brutos, ou estes á condição dos homens. Res-

pondo que os brutos não são simplices maquinas como o quiz Des-Cartes, mas animados, e providos de huma alma cuja natureza se ignora. Aqui pára o nosso entendimento, e eu não sei que razão haja para o homem se envergonhar de dizer, não sei; he melhor esta ingenua confissão, que a ridicula mania dos systemas, que mais enredão, que explicão.

X.

He hum absurdo reduzir o homem á condição dos brutos mortaes: este sentimento destroe a doutrina da immortalidade, e o fundamento da Religião. O pensamento, não póde convir de maneira alguma á materia, mas a huma substancia simples, e espiritual, cuja natureza, e essencia me he inteiramente desconhecida. Eu concluo esta verdade de tantos enganos dos sentidos, os quaes a alma conhece, e emenda, e sendo os sentidos corporeos; segue-se que

a alma tem huma natureza differente. Em segundo lugar, cada sentido tem huma particular extensão sobre os objectos, por exemplo os olhos nos trazem as idéas das côres, das distancias, e dos movimentos; o olfato as das fragrancias, os ouvidos as dos sons, e o gosto as dos sabores. Estas funcções nunca jámais se confundem. Mas os sentidos são materiaes, logo a alma que combina, que concebe, que confronta todas estas idéas recebidas, deve ser espiritual, e immaterial. A espiritualidade da alma, deduz-se da natureza do juizo, e do raciocinio, e da reflexão até ao infinito, o que não póde ser funcção da materia: por mais subtil, que se supponha huma particula, não poderá conceber tão diversos movimentos, e ao mesmo tempo tão contrarios entre si. Sendo a materia inerte, e os actos do entendimento todos livres, e espontaneos, segue-se que estes movimentos não podem deixar de ser de huma substancia intei-

ramente espiritual, pensante, simples, e livre. E se he espiritual, será indestructivel? Para resolver esta questão, proponho outra. A alma, he hum ser contingente, ou necessario? Excepto Deos, nenhum Ente he necessario em a Natureza, logo he de sua natureza anniquilavel. Mas tu me oppões: o que morre he resoluvel em partes, a alma he simples, e indivisivel; logo he inalteravel, e por isso permanente. Respondo, que ignoro, eu não sei a natureza do espirito, sei que não he corpo, mas ainda que simples, não se deve seguir que seja de sua natureza immortal (1) em quanto se póde acabar, mas d'huma maneira diversa dos corpos, e maneira, que

---

(1) Melchior Cano no Cap. 13. do Livro 12. dos Lugares Theologicos diz, que Scotto, Caietano, e outros, sustentárão que a immortalidade da alma náo era demonstravel pela razáo natural, e que só a conhecemos pela Revelaçáo.

nos he desconhecida. Morreremos pois com os corpos? Não, e se a razão o não demonstra, a Revelação no-lo diz. A Filosofia he cega, deixa-nos em hum labyrinto, mas delle nos tira a Revelação.

XI.

Desta falta de luzes da razão, e desta orgulhosa ignorancia Filosofica, que tudo quer saber, nascêrão tantos, e tão estranhos sentimentos dos Filosofos. Huns disserão, que o espirito era huma substancia pensante, outros hum fogo, outros hum assopro, outros hum ether, huma quinta essencia, huma entelechia, huma harmonia, hum numero, hum nada, e Democrito disse, que era hum átomo. Forão só conformes em dizer, que a alma pensava; mas como pensa? Temo fortemente, que elles o não saibão, quando lhes oiço dizer, que ella pensa, porque he pensante, que he o mesmo que dizer,

o Iman attrahe o ferro , porque o attrahe: que o corpo cahe, porque cahe. Mas eu pregunto , quem faz attrahir hum, e cahir o outro?

XII.

Ora se se não sabe , que coisa ella seja, e como obre, quando consultamos as coisas naturaes , menos se póde saber a sua origem. Eis-aqui porque os Filosofos tem dito , que ella he parte da substancia divina, que he parte de hum grande todo, que fora creada abeterno, e dispersa no sperma d'onde vai rapidamente habitar os tubos de Falopio! Homens! Outros dizem, que espera a formação do feto , que se apodera logo da glandula pineal, ou de outro corpo calloso: miseravel Descartes!

XIII.

Sendo isto assim, ó Sabio, tu nascestes, tu vives, tu gozas, tu dor-

mes, tu vigias, tu pensas, e não sabes como, e Deos te dotou da faculdade de pensar. Se elle te não revelar, que coisa isto seja, tu o ignorarás para sempre. Amim me basta ter mostrado até aqui, que o corpo he extenso, divisivel, figuravel, movel, tangivel, alteravel, e inerte, e que o homem além destes a tributos tem o dote de pensar, de querer, de discorrer, de abstrahir, de compor, que tem actividade, reminiscencia, e que estas propriedades como repugnantes á materia se devem atribuir ao espirito, ainda que se ignore, qual seja sua natureza, e maneira de obrar. Analysemos.

XIV.

A questão da união das duas substancias, que compõe o homem, foi sempre agitada, e sempre ignorada. Repugnão os effluvios dos Escolasticos, porque suppõe a materialidade do espirito. Repugna a in-

fluencia de Malebranche, porque constitue a Deos author de todos os actos humanos, e conseguintemente do peccado. Repugna a harmonia de Leibnitz, porque reduz as acções do espirito a huma rigorosa mecanica. Este nó só se poderia desatar quando se conhecesse a natureza, e propriedade da materia; a essencia, e os atributos do espirito: mas estas coisas são incomprehensiveis sem huma immediata revelação de Deos. Sem esta revelação se ignorará sempre o modo porque estas substancias se unão e se fallem entre si. Parece me comtudo, que considerada sua estreitissima união se póde dizer, que este prodigio se explica com a hypothese de reciproca força de acção, e reacção. Os objectos externos tocão nossos sentidos, estas impressões são imediatamente sentidas do espirito, o qual, reagindo, percebe. Vice-versa, o Espirito, como sempre activo, querendo, e não querendo, faz sintir suas alterações no corpo, que se

constitue logo em movimento uniforme ao querer, e ao não querer do espirito. Que sombras! E quanto he ignorante o homem! Sem revelação he cego.

CAPITULO II.

Da liberdade natural do homem.

I.

QUando me examino a mim mesmo observo, que a minha vontade nem sempre se determina de hum modo; ha occasiões, nas quaes ainda que não seja obrigada de principio algum intrinseco não he bastante isto para que resista á vista de qualquer objecto; taes são os glotões, e os iracundos á vista dos manjares, e dos rivaes. Depois disto, eu conheço que a minha alma he levada de hum principio intrinseco á vista de hum objecto agradavel; de

tal indole he esta minha applicação a este estudo importantissimo de mim mesmo para marcar o termo intransgredivel dos conhecimentos humanos. Ha occasiões em que sinto minha alma em equilibrio entre o momento de executar, ou de ommitir qualquer coisa. Assim como sinto em mim huma força de poder fazer, ou suspender alguns actos conforme me apraz, assim tambem sinto movimentos fisicos, os quaes se executão sem que eu o saiba: taes são as vibrações do coração, e o movimento dos intestinos. Todas estas acções não tem os mesmos nomes, porque nellas não exercita a vontade a mesma força, huma chama-se espontanea, outra voluntaria, outra indifferente, outra livre, e outra necessaria. Chamo involuntaria aquella acção na qual não descubro principio algum intrinseco. Esta se faz por ignorancia, ou por violencia; mas huma deve ser invencivel, outra irresistivel, que tambem se chama coac-

ção fisica. Se a ignorancia he vencivel, e a violencia moral, então o acto he livre, e imputavel. Todo o acto voluntario he juntamente livre, mas o acto livre nem sempre he voluntario. De tal natureza foi a acção de Lucrecia, a dos Numidas que se lançarão ao fogo por se não entregarem a Metello; tal a dos subditos do Velho da Montanha, quando na presença do Sultão de Damasco disse a hum delles: lança-te daquella muralha abaixo, e lançou se; e a outro: crava hum punhal em teu peito, e cravou-o. Os actos mecanicos não são livres, mas necessarios. As violencias moraes devem-se chamar acções mixtas, como a de lançar a propria fazenda ao mar para evitar o naufragio.

II.

Presuppostos estes principios, eu me pergunto amim mesmo, he por ventura a minha liberdade o poder

de viver como eu quizer ? *Potestatem vivendi ut velis*, como a define o admiravel Cecero; ou segundo Seneca, *Nullirei servire, nulli necessitati, nullis casibus*? He acaso a faculdade de escolher entre os oppostos? Eu não sei; sei, e conheço que para ser imputavel qualquer acto he preciso, que a acção se conheça, que o homem va determinado de hum principio intrinseco, que o acto seja contingente; e tenho eu esta faculdade? Vejamos.

III.

Eu discorro, ou não? Se eu discorro, se eu quero, e não quero; devo ser livre. Considero a natureza do meu espirito, a mobilidade do meu corpo, hoje quero o que hontem detestei; logo sou livre. Eu sinto dentro em mim huma grande força de escolher entre objectos contrarios. Os bens da Natureza são tantos, quantos são os objectos, que

conservão, e melhorão o meu ser: taes objectos são infinitos, logo são tambem infinitos os bens, segue-se que o pendor da vontade, não se póde restringir a termo algum, ou satisfazer-se plenamente de hum só bem. A intensidade dos bens cresce em razão composta de sua natureza, realidade, e duração, sendo infinitamente mais estimaveis os bens espirituaes que os fisicos, e os reaes que os apparentes Isto supposto, succede, que á vista de hum bem maior eu me apego a hum bem menor na intensidade, natureza, e duração, mas não se póde determinar hum acto contrario, sem hum pleno, e absoluto arbitrio de liberdade; logo, sou livre. Finalmente se eu não fosse livre, faria em todo o tempo, e de hum mesmo modo aquillo que fazem quasi infinitos homens na terra, ao menos postos nas mesmas circunstancias, como fazem os Caens, e as Aves, os quaes sempre obrão do mesmo modo na Europa, em Pekin,

em Quebek, e em Goa ; mas isto não se experimenta entre os homens sempre varios, e inconstantes, segundo os lugares, os governos, as Religiões, a idade, e as instituições. O mesmo homem, de momento a momento, muda de vontade, e de appetites: eu concluo que o homem he de sua natureza livre. São escusadas subtilezas de Filosofos, quando assim falla o senso íntimo.

IV.

Quantas dúvidas oppõe as escolas a esta tão simples demonstração! A força dos temperamentos, propensões, e appetites he grande: he grande a influencia dos Astros. A queda de Adão, e a presciencia Divina desconcertão o systema do arbitrio humano. Respondo primeiramente, que ainda que o temperamento, as inclinações, e os appetites tenhão huma grande força em nós, não se segue que lhes devamos irresistivel-

mente sugeitar a vontade, a qual he sempre livre, fora da coacção fisica. A respeito da influencia dos Astros, principalmente dos Cometas, digo que, se por influencia se entende a alteração que esses causão na atmosfera, e conseguintemente no fisico do homem, eu lha concedo, ainda que seja infinitessima a compressão que produzem no ar. Se se entende esta influencia pelo que pertence ao moral, he hum erro, e huma quimera. Cicero no livro 2.º da Natureza Divina observou, que a respeito de Pompeo, de Crasso, e de Cesar aconteceo o contrario do que havião pronosticado os Astrologos: *Quammulta ego Pompeio, quam multa Crasso, quammulta huic ipsi Cesari a Chaldeis dicta memini, neminem eorum nisi senectute, nisi dominisi cum claritate esse moritenum.* Por isto se maravilhava muito, que lhe dessem credito. Antonio Torquato, Astrologo do 15.º Seculo, fez hum pronostico a Mathias

Rei de Hungria como funestissimo aos Turcos, e nesta mesma batalha forão batidos os Christãos.

V.

Os acontecimentos das coisas humanas nascem de acasos, e causas ignotas ao homem, e nestes não influem nem dias faustos, nem aziagos, nem os cometas, nem os planetas. He verdade que hum incidente fez alcançar as mais famosas victorias a Timoleão em seu dia natalicio. Solimão tomou Belgrado, Rhodes, e Buda sempre no mesmo dia 29 de Agosto: mas tambem acho que o dia 24 de Fevereiro tão infausto a Valentiniano, fora felicissimo para Carlos V., tambem Imperador, porque a 24 de Fevereiro nasceo, a 24 foi coroado em Bolonha por Clemente VII, a 24 fez prisioneiro em Pavia a Francisco I., e o Duque de Saxonia. De tudo isto concluo, que os acontecimentos hu-

manos não dependem nem de dias nem de astros, nem da força dos nomes.

VI.

Em quanto a queda de Adão, (razão puramente Theologica) digo, que ainda que com elle se enfraquecesse nossa liberdade, não se perdeo: nós conhecemos por huma intima convicção que somos livres e arbitros de nossas acções. Disse-se ao mesmo Caim depois da culpa: *Sub te erit appetitus tuus, et tu dominaberis illius.*

VII.

Em quanto á Divina presciencia, digo que he verdade ser Deos o unico author de tudo, porque elle creou e rege o homem: delle vem a fertilidade, e a esterilidade da terra, a ordem, e a perturbação das estações, a saude, e a doença. Elle veste, e nutre as aves, organiza, e apascenta

os vis insectos; faz florescer, e esterilizarem-se os campos, dispensa a abundancia, e a penuria, suscita a guerra, e fórma a paz: fórma em fim os maiores conquistadores, e enfraquece, e destroe os mais vastos Imperios. Respondo, que em Deos se devem considerar dois systemas de obrar, hum geral, e outro particular; com o primeiro governa o Universo, deixando a cada hum o poder obrar com aquellas mesmas forças que lhe conferio: eis-aqui porque os corpos se movem por força das leis mecanicas, os animaes brutos com as da sensibilidade, e o homem mediante a razão: com o systema particular deroga as primeiras Leis, e naquelle acto as suspende. Com effeito dispensou nas leis mechanicas na passagem do Erithrêo, e do Jordão, na abertura da terra para tragar os Rebeldes a Moysés. Diga-se o mesmo do homem, o qual ainda que fosse creado livre, muitas vezes he regido com huma providencia particular.

VIII.

Depois de tudo isto ainda continuão as objecções: a sciencia divina excede todos os movimentos do tempo, comprehende infinitos espaços de duração. Tem tudo presente com hum simples, e indivisivel conhecimento. Preveı do pois todos os actos futuros de nossa vontade, e não se podendo enganar neste conhecimento, deve succeder tudo como foi eternamente previsto por Deos. Segue-se logo, que se dá hum inalteravel decreto com que fica indissoluvelmente ligada a liberdade. Esta foi a opinião de Crisippo, o qual segundo Aulo Gellio diz esta difinição do Fado: *Fatum est sempiterna quædam, et indeclinabilis series.* Epicuro cahio no mesmo absurdo achando nos atomos hum terceiro movimento chamado de *declinação*? Esta he tambem a doutrina dos Estoicos, quando em nome de todos

elles falla Seneca, quando define Jupiter: *Vis illum vocari Fatum? Non errabis.* No passado seculo, Collins renovou o systema do Fatalismo, de que por certo não he muito alheio Leibnitz com sua decantada harmonia.

IX.

Respondo a todas as objecções sustentadas com tantas authoridades, que ainda que Deos conheça tudo, e tenha decretado tudo com sua Divina Presciencia, não he impedida a nossa indifferença, nem perturbada a sua previsão. Não se perturba a previsão, porque antever as coisas, não encerra em si a absoluta necessidade de fazer acontecer as mesmas coisas; porque estas acontecem do modo que devem acontecer, as necessarias, necessariamente, as voluntarias, voluntariamente. Em fim eu respondo em huma palavra só a esta eterna objecção com que tantos

chamados Filosofos nos atormentão ha seculos: Deos pela sua presciencia previo todas as coisas que havião de acontecer; mas as coisas não acontecêrão, porque Deos as previo. A presciencia não he decreto; nem elle decretou o peccado e o mal moral; porque elle não podia querer nem decretar o que elle não póde fazer.

CAPITULO III.

Da fantasia, suas funções, e influencia.

I.

OS Anatomicos dividem em duas partes a substancia do cerebro, chamando lhe dois lóbos, eu lhe chamarei, e a designarei com hum só vocabulo: a fantasia. Esta substancia, muito parecida á cera mole e viscosa, he cheia de infinitas cellulas ou repartições, onde os simulacros dos objectos externos se vão como im-

primir. Esta substancia he commum a todos os animaes, só lhes he particular o volume. O homem tem mais cerebro que todos os animaes, e he maior o cerebro no homem que na mulher.

II.

Mas desta diversidade não nasce a differença do pensar humano, a experiencia quotidiana desmente a asserção contraria, pois vemos cabeças que profundamente pensão muito pequenas em tamanho, e vice versa. Disto concluo que para pensar bem, além da grandeza do fisico, concorre tambem a disposição das fibras, e da qualidade, e quantidade do fluido nerveo. He claro que todos os nervos do corpo tem extremos, hum toca na periferîa, outro no cerebro, e por isto todas as impressões se fazem sempre em razão das fibras, e dos fluidos; e ainda que do exterior fysico se não possão determinar os gráos de actividade em hum ho-

mem, com tudo, tem sido até agora observação constante, que os v s-tos, e peregrinos engenhos tem de ordinario a cabeça grande, e sempre a testa espaçosa, e clara; assim, em verdadeiros retratos por mim filosoficamente observados, vi que fôra a cabeça do Tasso, de Galilêo, de Sarpi, de Locke, e Petavio. Sobre estas observações está fundada a sciencia fisionomica, tão cultivada em o seculo passado, e muito conhecida dos antigos, como se vê nos escriptos de Aristoteles, de Galeno, e de Paulo Eginéta; antes de me entranhar mais nesta materia, proponho os seguintes postulados: 1.° A maior parte dos nervos nasce na cabeça: 2.° São os nervos outros tantos canaes por onde corre hum fluido subtilissimo chamado nérveo: 3.° As sensasões passão ao cerebro por meio destes canaes: 4.° A alma vê na fantasia com huma incomprehensivel distinção desenhado todo o mundo fisico exterior. Concedido is-

to, facilmente se comprehende como os sentidos conspirão todos em enriquecer o admiravel deposito do cerebro, no qual o entendimento lê de contínuo, e combinando as idéas entre si, cria as verdades abstractas, e as espirituaes, e produz além disto os juizos, os discursos, e as progressões, e nisto constituo eu huma das innumeraveis differenças que ha entre o homem, e o bruto.

III.

Fica pois demonstrado que as leis da união já expostas se fundão todas nesta só. Falta-me pois explicar como estas substancias se communiquem entre si. Mas se eu o não poder explicar, segue-se que não sejão verdadeiras? Diga-se-me que coisa seja espirito, e eu direi donde nasça tudo. Alguns julgarão que admittindo-se o absurdo do espirito material, se acabaria, e cessaria o mysterioso arcano. Mas eu lhes per-

gunto, como pensa a materia; como julga, discorre, quer e não quer, como pressente, e prevê o futuro, como se lembra do passado? Se he huma, e unica a substancia, como póde ter a hum mesmo tempo tantos movimentos, e entre si tão oppostos, e contrarios? Tudo isto são nós Gordios, e esta hypothese he tão absurda, que desconcerta todo o systema da vida futura, e conturba a economia da presente.

IV.

As impressões não se sentem igaaes no corpo, ou pela actividade diversa dos objectos externos, ou pela differente actividade do espirito; segue-se que á porpoção destas impressões lentas, vigorosas, ou fortes, são tambem lentos, fracos, ou vigorosos os pensamentos da alma; e as alterações do corpo seguem os ímpetos destes pensamentos. Concluo disto que não sómente qualquer va-

riedade de conceber nasce da fantasia, mas que não havendo esta fantasia, não haveria acção alguma reciproca entre o corpo, e o espirito; e que excitando-se as paixões segundo a actividade do fisico, e que formão os momentos felizes, ou desgraçados, e que a fantasia concorre em muita parte para formar isso que chamamos a nossa sorte, porque a contextura das fibras mais ou menos delicada, mais ou menos resistente, e os fluidos diversamente densos, e activos produzem a diversidade das impressões. Desta theoria se deduz que as fantasias das mulheres são vivacissimas, porque as suas fibras são subtilissimas, e por consequencia alteraveis como se collige da facilidade com que imprimem as manchas nos seus fetos, dos terrores immoderados que experimentão das paixões ardentissimas que se lhes despertão, e da enorme sensibilidade dos objetos exteriores. Segue-se finalmente que a fantasia he muito susceptivel

de fortissimas impressões : por isso nascem della tantas dores de cabeça, visões, raptos, extasis, e transformações illusivas. A' fantasia se attribuem os colloquios nocturnos com os espiritos, e seu commercio; as invasões, as alienações da alma, o fanatismo, o enthusiasmo. A' fantasia se attribuem, e devem attribuir os sonhos, os somnambulos, a facilidade de exprimir isso que se chama estro poetico. De tudo isto se deduz que he mui grande sua influencia tanto na vida civil, como na vida moral, e scientifica. Consideremos estes grandes objectos.

V.

Malebranche foi de parecer que a fantasia nas mulheres era a causa das manchas, ou signaes nos fétos, e da formação dos monstros, porque sendo suas fibras muito molles, facilmente se alterão, e ainda mais alteraveis são as fibras dos fetos. E na

verdade que não sentimos nós ao escutar a rossadura de huma lima pelo ferro, ou huma musica desentoada, e despropositada! Eis-aqui porque não repugna que a vontade de hum fructo não comido a tempo, se vá estampar na sua qualidade, grossura, côr, e figura na superficie extrema do feto logo; do mesmo modo com que os objectos exteriores se vão pintar na fantasia, e lembrão passado muito tempo, assim póde acontecer no feto pela sua estreitissima união com a mãi. Mas esta opinião como outras muitas deste visionario, se julgou falsa, porque se não sabe como se formão as sensações, porque o feto está pendente no utero pelo cordão umbilical, porque em qualquer estado, ou em qualquer configuração sua, sempre tem differente circulação de fluidos, vibrações de coração movimentos dos intestinos e do ventriculo; em huma palavra, todas as funcções necessarias, e vitaes do feto, se distinguem de todas

as funcções vitaes de sua mãi : por isto qualquer que seja a vivacidade da fantasia não lhe póde fazer mal, porque se acha sempre fóra da esfera da maior actividade fantastica de sua mãi : o mesmo se diga da formação dos monstros; e tudo isto he mais huma prova da ignorancia humana, e eu não me canço de repetir a cada passo o oraculo de Plinio: *Multa latent in magistate Naturæ.*

VI.

Quem tiver considerado o estado dos enfermos, terá conhecido quanto nelles he grande a força da fantasia. Basta saber seu temperamento, educação, e modo de vida, para avaliar com o ultimo rigor os seus graos. Tanto cresce, e se augmenta a força fantastica que algumas vezes he ella só a causa das enfermidades. O desejo da existencia, e da melhor existencia, he o primeiro que em nós se excita, e o ultimo que em nós s'extingue. Quando o Medico chegar

a rectificar a fantasia, tem curado huma grande parte da doença. Afonso, e Fernando, ambos Reis de Napoles, estando gravemente enfermos sarárão com a leitura de Curcio, e de Livio. A visita de Carlos Quinto feita a Francisco Primeiro salvou o aprisionado Monarca quasi no ponto extremo de sua vida. Não he menor a força da fantasia nos sonhos ora distinctos, e vivos, ora débeis, e confusos, porque em todos he differente o temperamento, e varia a elasticidade das fibras, e varia em fim a quantidade, e a celeridado dos fluidos: variando sempre, e tanto a constituição fisica, segue-se que deve variar sua energia principalmente a do cerebro. Muitas vezes me tenho perguntado a mim mesmo, se os sonhos sejão effeitos da fantasia, ou unicamente da razão, e de ambas juntas? Parece-me que não são unicamente productos da fantasia, porque ha sonhos tão bem enfiados, ordenados, judiciosos, e scientificos,

que repugnão á materia : taes são versos que eu mesmo tenho escrito depois de acordado, discursos, idéas novas, e acontecimentos depois realizados. Sabe-se que Calfurnia sonhou muito antes a morte aleivosa de Cesar seu Marido; a mãi do admiravel Torquato Tasso sonhou o desafio, e briga de seu filho com hum rival: sabem-se as visões de Timoleão, e as de Francisco Bencio, exactamente cumpridas depois, (sobre o artigo Bencio he digno de ver-se o Diccionario de Bayle.) Mas se os sonhos são effeitos da razão, pergunto, porque são tão desconcertados, quimericos, e ineptos? Respondo, que a razão para obrar tem necessidade de huma dada, e certa disposição, e désembaraço de corpo, de fibras, de nervos, e de fluidos: quando estes se relaxão, a razão cessa em suas rectas operações. Cumpre pois dizer que os sonhos são outros tantos productos da força fantastica, que se combinão, e unem segundo a viva-

cidade das idéas nella impressas, e segundo a força, e qualidade do fluido motor: e se alguma vez se tornão concatenados, e judiciosos, então he preciso attribui-los á tranquillidade dos fluidos, e ao habito de pensar bem, concluo com tudo, que os sonhos não são nem meros actos mecanicos, nem meros resultados da razão, mas sim outros tantos productos mixtos, que seguem constantemente a quantidade, a qualidade, e a velocidade dos fluidos.

VII.

Muito proximos, e vizinhos aos sonhos são os delirios, os quaes são outros tantos movimentos mecanicos. Differem dos sonhos porque nós sonhamos em o perfeito adormecimento dos sentidos, e deliramos ou dormindo, ou vigiando; porque alterando-se os fluidos em os parocismos, e extremos ardores febriz, ou por outro qualquer motivo discorrem

sem ordem pelos receptaculos do cerebro e então de tal arte se misturão, e confundem os fantasmas, que se sentem combinações de idéas estranhas, ridiculas, desordenadas; e taes delirios são sempre o resultado da alteração dos fluidos, da constituição das fibras, e da viveza das idéas, e por isto se conhece que coisa seja a loucura, o furor, a estupidez. A primeira he o effeito de huma impressão muito viva de fantasmas brilhantes que por si mesmo se unem e enlação a despeito da razão: além disto póde dar-se tal desconcerto de maquina em hum homem, que se lhe altere, e desenfreie a fantasia a ponto, que se lhe extinga, e apague todo o lume da razão, e então se chama furor: por ultimo póde dar-se huma constituição fisica tão froxa, e molle, e haver hum fluido tão soroso, e lento, que as impressões exteriores ou não obrem, ou se obrão, faltando-lhes a reacção, e elasticidade, lhes chega tambem a

faltar a reflexão ; a este estado se dá o nome de estupidez. Deixemos outras muitas coisas relativas á fantasia , e consideremo-la pelo lado da influencia que ella tem na vida civil , scientifica , e moral.

VIII.

Primeiramente os fantasiosos , pela excessiva impressão que lhes fazem os objectos externos , são irritabilissimos , de que se segue que assim como são inconsolaveis nas dores extremas , tambem sentem maior prazer , e maior gozo na presença ou na posse do bem : e eis-aqui porque devia ser huma regra em politica não propôr estes homens para o manejo dos negocios públicos ; porque alterando-se facilmente , e não podendo considerar as coisas em seu verdadeiro , e proprio aspecto , he preciso rectifica-los , até hum certo ponto. Estes homens de viva fantasia com muita defficuldade combinão as im-

mensas relações que tem huma mesma coisa, e lhes he tão difficil explica-la quanto mais complicada he. Eis-aqui porque se precipitão nos perigos impensados, e basta hum, bem mediocre, e apparente, para os allucinar, e deslumbrar. De ordinario os fantasiosos são grandes falladores, e mui faceis no trato, e por isto incapazes de grandes, e serios negocios. A respeito das sciencias são felicissimos em todas aquellas disciplinas em que tem mais emprego a memoria que o entendimento; desta classe são a Historia, as Leis, a Geografia, e a Chronologia; tem muita aptidão para as artes mecanicas e liberaes, principalmente para a Poesia; nesta inventão, e se exprimem com fogo, e viveza. São ineptos, e quasi estupidos em Methafisica, em Mathematica, e em todas as sciencias especulativas, e se por desgraça se dão a ellas não fazem apparecer outra coisa mais que a memoria. De tudo isto se segue

que os fantasiosos são sugeitissimos ao fanatismo, são visionarios. Suas expressões são muito fortes, porque o fogo de sua fantasia mui prestes se lhes accende e inflamma, como se vê em Seneca, em Tertuliano, no Tasso, e no Ariosto: todos estes são de tal maneira vivacissimos, e fortes que em exprimindo elguma coisa parece que com hum pincel de Ticiano a representão aos olhos de quem a lê. Daqui se collige que os fantasiosos triunfão na eloquencia, porque seu estilo tem muito da tintura poetica, e com suas vivas descripções, com a expressão do gesto, com o furor da fantasia, com a promptidão da memoria, com a hilaridade, e alacridade do semblante animão de tal maneira as palavras, e as acções, que não só devem agradar com esta magîa, mas necessariamente surprehender e cativar o mais numeroso, e conspicuo auditorio. A respeito da vida moral digo, que os fantasiosos, são muito inclinados, e

propensos a tudo aquillo que toca, e fere os sentidos, amão por isto as mulheres, e os espectaculos theatraes: amão o passeio, a musica, a recreação, a milicia, e as viagens, em huma palavra, são proclives á vida epicurea, e á mais exemplar. Tal he a força da fantasia, grande na verdade, e estupenda, e contém em si fenomenos muito obscuros, e mui dignos da contemplação do Filosofo, cuja meditação (como me acontece) encontra sempre na fantasia effeitos sobre maneira mysteriosos, e inexplicaveis. Quem poderá explicar a mui exacta semelhança de todos os seres de huma mesma, e antiga familia? Observem-se os retratos que se conservão em algumas casas que representão em continuada serie os antigos avoengos, ver-se-ha conservada a mesma fisionomia, lineamentos, e feições. Em muitos se observa o mesmo estilo em escrever, os gestos, o ar, e as mesmas qualidades moraes, e por isto se conhe-

ceria, que Commodo não era filho de Marco Aurelio. Outra tanta semelhança se descobre até nos brutos, como nos cavallos, nos bois, e nos cães, e creio que outro tanto acontece nas aves, nos peixes, e nos insectos. Além destes fenomenos, observa-se que os defeitos dos pais se communicão aos filhos varões sómente, e não ás femeas; as mãis communicão a estas os seus defeitos, e não aos varões. De que procede isto? Eis-outro mysterio ignoto, assim como o he o modo porque se transfundão os males hereditarios: a pedra, os espasmos de cabeça, as vertigens, a gota, a loucura, os deliquios do animo, as dores de dentes, a duração da vida, e outros muitos, sem numero; até aqui baste de fantasia.

CAPITULO IV.

Da razão, unica faculdade do espirito.

I.

QUem diz razão, diz calculo, e quem calcula não faz mais que combinar as causas, as relações, os effeitos, os fins, e as forças dos objectos que se nos apresentão aos sentidos. Quem combina estas coisas, investiga, e indaga a verdade; por isto entendo por mente, razão, ou entendimento, aquella força do espirito por meio da qual se investigão as verdades. Comecemos pela analyse de seus actos. Quem seriamente contempla em a natureza do espirito, não póde duvidar que consista na perenne cogitação, assim como a essencia do corpo consiste na extensão solida. Conhece depois disto que assim como as diversas figuras no

corpo, são outras tantas modificações da extensão, assim o julgar, reflectir, compôr, abstrahir, ordenar, querer, duvidar são outras tantas modificações do pensamento. Segue se que o pensamento para a alma está na mesma razão da extensão para a materia; e assim como he impossivel conceber huma materia não extensa, assim repugna querer idear-se hum espirito não pensante: e assim como não haveria variedade alguma nas formas sem o movimento, assim todos os actos do espirito sem a vontade, serião inuteis, porque a vontade os fixa, e os torna uteis, e operosos. He pois o pensar humano a attenção do entendimento nos vestigios da fantasia, porque suas alterações são constantemente reciprocas. Para conhecermos, e avaliarmos com certeza os gráos da nossa intelligencia, he preciso calcular o numero, e a actividade dos sentidos, a natureza, e quantidade dos fluidos, a diversa

consistencia, e elasticidade das fibras. Em cada sensação, pois, se destinguem tres coisas, a acção do objecto sobre as fibras sensitivas, o movimento das mesmas fibras, e o sentimento que produz n'alma. D'isto se segue que a diversidade das nossas sensasões segue sempre inalteravelmente a razão composta da natureza do orgão, da variedade dos objectos, da vivacidade das impressões organicas, da relação que tem os objectos com a nossa constituição. Eis-aqui o primeiro passo da nossa faculdade pensante. Vemos pois que os juizos, e os raciocinios suppõem no homem huma dada quantidade de conhecimento, e que as reflexões exigem huma dada elasticidade de fibras. E que multidão de idéas adquire o homem, e que infinitas combinações podem estas idéas ter? São isto labyrintos methafisicos em que nos perdemos, e eu não sinto outra coisa quando me aproximo a estes abysmos mais do que assombro, e ignorancia!

II.

De tudo quanto tenho dito, collijo, que o modo de conhecer a verdade se reduz a saber as coisas como em si são, ou pelos seus resultados quando se combinão entre si, ou com outras, e a estas operações se dá o nome de perceber, julgar, e discorrer, podendo-se proceder nisto das idéas claras, faceis, e simplices, ás difficeis, e compostas, ou pelo contrario; o primeiro methodo chama se analytico, o segundo synthetico. Além destes actos já expostos, o nosso entendimento separa idéas de sua natureza unidas, e une outras de sua natureza separadas; v. g., a Dialectica de Cicero he maior que a de Crisippo. Concebo a idéa de huma fera a qual he homem e toiro juntamente, homem e ave, mulher e peixe, e formo o Minotauro, o Hyppogryfo, e a Serea dos Poetas. Accresce ainda a estes

actos não só a faculdade que a alma tem de advertir que pensa , porém a faculdade de formar a reflexão da reflexão , até ao infinito , e taes actos são outros tantos resultados da elasticidade das fibras do cerebro (como instrumentos) , a qual he hum effeito de sua dureza : disto se entende que sendo as fibras das mulheres molles , e mui flexiveis as dos meninos , as mulheres são pouco reflexivas , as crianças nada ; pelo contrario a reflexão he grande nos adultos , muito maior nos velhos , porque o seu elaterio cresce em razão composta da dureza , e frieza das suas fibras. A lembrança he outro acto da mente , mediante o qual o homem chama perante si todas as idéas que em si depositára pelo ministerio dos sentidos. Muitas vezes acontece , que examinando-se hum fenomeno se achão em equilibrio as razões contrarias , e iguaes sempre na intensidade ; e por isto cumpre advertir que o homem , quanto mais

estuda, e se torna mais penetrante, menos apto está para conhecer huma verdade em Filosofia; porque multiplicando-se as suas dúvidas se augmenta o seu scepticismo na razão dos conhecimentos adquiridos; por isto mil vezes me tenho perguntado a mim mesmo, se a multiplicidade, e subtileza dos argumentos approveitem ou damnem á indagação da verdade? Quanto menos são os votos, tanto mais facil he a decisão. Querem intricar hum ponto? Multipliquem os votantes. Poucas idéas bastão para a indagação da verdade.

III.

A tudo quanto tenho dito dos actos do entendimento se ajunta o acto de querer, e não querer; entendo no primeiro caso a razão que se determina a querer hum bem que se lhe apresenta: assim nos determinamos a querer huma dignidade, hum Palacio, hum thesoiro: pelo contra-

rio não queremos em todas aquellas coisas em que não apparece, e se mostra o nosso util, apparente ou real, ou em que achamos dôr, e repugnancia. O util, e o nocivo fixão sempre nosso querer, e nosso não querer. Segue-se que a vontade he huma modificação do nosso entendimento mediante a qual nos determinamos constantemente a abraçar o bem, e fugir o mal; e que a liberdade he inseparavel destes dois actos, os quaes tornão efficazes as nossas acções, e sem ella nos não serião imputaveis. Ora estes actos ainda que muitos, e diversos não são mais que modificações do pensamento, sendo o juizo huma confrontação de duas idéas entre si para lhes conhecer as relações, e quem duvida que tudo isto seja pensar? E com effeito quando eu comparo a vida dos primeiros Patriarcas, e dos primeiros solitarios com a vida dos que seguem seus estandartes, faço outra coisa mais que conceber, e conhecer as differenças?

O discurso he a comparação de duas idéas, mas com relação a huma terceira idéa, da qual deduzo a sua conformidade, ou deformidade: eis-aqui o discurso reduzido tambem ao simples pensar. O mesmo se póde fazer vêr na reminiscencia, na dúvida, na imaginação.

IV.

Mas talvez me digão os Filosofos que mais se persuadem haver entrado neste labyrinto methafisico: De que modo se póde reduzir á simples acção do pensamento, o querer, o não querer, a liberdade, e outras muitas faculdades, cuja differença se não póde assignar? Respondo, que á vista de hum objecto acontecem dentro de nós muitas coisas; a percepção, o conhecimento, o dezejo, o querer, o não querer, a liberdade; ora quem não vê que estes actos não são mais que huma progressão de pensamentos? De tudo isto filosoficamente se conclue ser huma só

a faculdade da nossa alma; e huma só outro sim a maneira de obrar, não sendo todas as outras faculdades e actos, mais que outras tantas diversas modificações da unica acção de pensar. Se alguem me lêr ainda, e lembrado das opiniões de tantos Filosofos acreditados na Escola, Descartes, Locke, Kant, e Volf, se aterrar com esta nova opinião não a despreze, medite primeiro, e se quizer disputar escute a razão; porque a nossa alma não se paga se não da razão.

V.

Mas o entendimento humano, ainda que produza tantos actos, he de sua natureza muito debil; nós o podemos conhecer pelo grande afan, e trabalho que sente na aquisição das sciencias, e das artes, pelo interminavel número de tantas coizas dubias, ou falsas, pela fadigosa obrigação, e necessidade de recorrer mil vezes ás sciencias já conhecidas;

pelos embaraços insuperaveis, pelas alienações, pela natural disposição para hum só genero de saber, pela difficuldade de conhecer todas as relações, todos os fins, e todos os absurdos das coisas, pelas repetições, contradições, e erros em calcular, pela excessiva miudeza em demonstar as coisas conhecidas, por tantos systemas incapazes de explicar por todos os lados hum fenomeno, pela dissimulação, dobrez, ambiguidade em obrar, pela infelicidade de comprehender, e brevidade do nosso saber; que tem por toda a parte barreiras invenciveis, e insuperaveis, marcando sempre as columnas dos seus Hercules pensadores. Ha grandes difficuldades nas linguas mortas, e vivas, na Geografia, e na Chronologia; encontrão-se tambem na Critica, na Diplomatica, e até na Mithologia. Os Dialecticos, Mathematicos, e Fisicos, assignão mui estreitos confins ás suas sciencias. O mesmo confessão os Jurisconsultos, e os Theolo-

gos ; tem seus nós indissoluveis à Historia. Nada digo da Sciencia Medica, na qual nada de certo, e demonstrado se encontra, e se todos lessem o Livro de Leonardo de Capua, ninguem seria Medico, e ninguem acreditaria, ou toleraria os Medicos. Ora assim como a sciencia do Arcano não se descobria entre os antigos sacerdotes do Egypto senão aos circuncisos, e iniciados, assim tambem aos unicos pensadores pacientes he dado o encarar ao longe o inaccessivel cume da sapiencia humana. E com effeito, quem conhece com clareza a essencia da alma espiritual ? Quem sabe a maneira porque nosso espirito discorre e he naturalmente atrahido, e levado para o bello, para a estima, e para a felicidade ? Quem sabe como sendo immaterial occupe espaço ? Como communicando-se-lhe as impressões externas se desconcerte, e como as suas alterações sigão as do corpo, seu instrumento fisico ? Acaso entran-

do a informar a materia he hum ser, como quer Espinosa, repartido em tantos milhões de seres viventes, ou he distincto em cada hum dos corpos? He creado ab eterno, ou feito no tempo, e no ponto da informação? Se he ab eterno, onde esteve conservado? A monstruosidade do feto exclue o espirito, ou acaso a falta deste forma o monstro? Tanto, não penetra a Filosofia, e a quantos livros se tem composto sobre estas incomprehensiveis materias, eu chamo os effeitos da douta ignorancia.

VI.

Ainda sem sahir do homem fisico, quem tem exposto com clareza, e desenvolvido a conceição do feto? Nasce este da mistura de ambos os espermas, ou unicamente do esperma do homem? Quem sabe se no Ovo haja hum animalculo humano, e neste as sementes de outros até ao infinito, como na semente da plan-

ta? Tem acaso força o esperma de destacar o Ovo do ovario, ou sómente o gala, e o fecunda? Faz-se acaso huma nova digestão em o feto? Deixo outras dúvidas ainda mais insuperaveis. Em summa, não póde o entendimento filosoficamente determinar a origem do mal, nem dar huma idéa clara do justo, e do injusto, nem do principio das sociedades civís, apezar dos sonhos de Hobbes, de Wolaston, e de Rousseau. Concluamos pois que o nosso entendimento he de sua natureza débil, e limitado, e por isto vive sugeito a tantos erros, os quaes, ainda que muitos, e graves, todos se reduzem aos que se originão da ignorancia, e das paixões. Quasi todas as coisas são complicadas em a Natureza, e para julgar dellas cabalmente he preciso consideralas por todos os lados. Considerai Alexandre, e Saladino como Conquistadores, vós os achareis grandes; considerai-os como sociaes, vós os achareis nocivos. Como he diffi-

cultoso considerar hum objecto por todas as faces, por falta de luzes, ou porque difficilmente nos convencemos da propria fraqueza, e insufficiencia, quando vemos este objecto, cuidamos que vemos tudo quanto nelle se póde vêr, e por isso nos enganamos, e taes enganos não nascem de outra fonte mais que da ignorancia. Eis-aqui porque a maxima parte dos homens, sem se empregar muito na indagação das causas, chega subitamente aos resultados. Falla-se por exemplo de huma corporação he homens, encontra-se entre elles algum, ou immoral, ou ignorante, ou impostor, logo se julga que todos os outros são impostores, ignorantes, e perversos; pelo contrario, basta haver conhecido entre elles hum só instruido, modesto, e retirado, logo todos são instruidos, penitentes, e irreprehensiveis. Para se formarem estes juizos he preciso havellos conhecido todos por experiencia, meditando-os por todos os

lados, de outra sorte he infallivel o erro.

VII.

Outro fundamento dos desconcertos da nossa alma nasce do imperio das paixões; porque estas, fazendo-nos fixar toda a nossa attenção sobre huma só parte do objecto, não nos permitte que o consideremos por todos os lados e em todas as suas relações. A victoria, disse mil vezes comsigo mesmo o atroz Bonaparte, me chama aos ultimos confins da terra, eu combaterei, eu vencerei, eu pizarei, e reduzirei a pó o orgulho de todos os meus inimigos, e vencendo-os por armas, e perfidias, não me contentarei só de os carregar de cadêas, de ferros, e de estragos, eu os sacrificarei todos ao meu furor. O terror do meu nome, e o numero dos meus exercitos são dois baluartes inexpugnaveis com que conservarei, e estenderei meu universal imperio. --- Deslumbrado pois de ambi-

cioso orgulho nunca cuidou que a fortuna era inconstante, e que o pezo da infelicidade opprimia igualmente o vencedor, e o vencido, sem se lembrar que a conquista de muitos subditos lhe augmentava o furor, ou o rancor, fazia tremolar seus estandartes esquecido de si, da estima, da humanidade, da alma, de Deos; não pensava senão na vangloria de guerrear, e na pompa de vencer, e triunfar. Memoraveis exemplos de crueldade se encontrão na Historia Romana, e muito mais ainda na Historia dos Turcos, crueis e barbaros a ponto de assassinarem os proprios pais, os filhos legitimos, os mais proximos parentes para segurarem o sempre caprichoso, e vacilante throno. Todas as outras paixões fazem considerar as coisas muito differentes do que são: basta observar mui pouco os invejosos, os timidos, e cobardes, os avaros, e os amantes: para quem ama com furor, tudo he espantoso, portentoso, celestial

na sua amada ; a desenvoltura he garbo ; a temeridade , engenho e espirito ; o ciume, ternura ; a dissipação , grandeza d'alma ; a rusticidade , modestia ; a avareza , economia : eu seria infinito se me quizesse estender a tudo com a consideração , direi apenas que as paixões de tal arte alterão o entendimento , que sempre seus juizos serão análogos á mesma paixão. He mui vulgar , e sabida a Historia da Italiana e do Parocho , ambos astrónomos , e ambos observadores , com o Telescopio , das manchas lunares : se eu não me engano , dizia a Senhora , aquellas duas sombras que se inclinão huma para a outra me parecem dois felicissimos amantes. Senhora , lhe respondeo o Parocho , eu apostarei mil contra hum , como aquillo são dois Conegos que sahem da Cathedral. Esta novélla , he a nossa historia. Não temos huma paixão que não seja acompanhada de huma illusão , e não ha illusão sem que a fantasia se altere ,

a qual neste estado não vê senão aquillo que finge. Depois das paixões seguem-se os juizos precipitados, e he preciso conhece-los para os evitar. Esta he a coisa que mais me atormenta na sociedade, e o que mais me tem obrigado a evitar misantropicamente os homens, não tenho escutado mais, que decisões precipitadas. Este author viveo em 1500? Logo he bom, nem poderá ser vencido, e igualado por outro que viva em 1800. He Francez este Livro? Logo he optimo, he engenhoso, he admiravel. Hum Tartufo de inculto habito, de cabeça torta, compõe hum insignificante tratadinho, e allega algum texto de Escritura, alguma passagem de hum Santo Padre? Eis-aqui hum homem douto, religioso, digno dos mais eminentes empregos. Não me quero lembrar de outras decisões em politica mais loucas, e mais ineptas. Somos mais que rematados loucos quando queremos avaliar o merito, ou o demerito de hum homem

pela sua fortuna; he preciso outro criterio para lhe fixar, e determinar o valor. Se deste modo se formasse hum termómetro do intrinseco valor humano, talvez fosse isto o cathalogo dos impostores, e não o dos benemeritos. Para fazer, ou mais claramente, para adquirir fortuna, além do merito, devem occorrer outras circunstancias, que unidas entre si produzão aquelle effeito. E como se poderá encontrar isto em todos! A huns falta a presença de espirito, a outros o accesso nas Cortes, a outros sobeja o odio, e o ciume dos grandes: este tem falta do necessario, o outro he indolente: aquelle quer ser mordaz e livre onde ha hum imperio despotico ou fanatico; aquell'outro conta revelações onde he preciso motejar, e escarnecer. A fortuna pois, a elevação, e o emprego, he hum ponto do acaso, e sendo assim, como he possivel avaliar pelos acontecimentos fortuitos o merito dos homens? Se Cesar, e Oc-

taviano se achassem nas mesmas circunstancias em que se vírão Catilina , e Sertorio , e estes nas circunstancias dos primeiros , talvez que Cesar , e Octaviano , tivessem sido Catilina e Sertorio , e ambos tirarião a Roma a liberdade. Não basta o merito entre gente miuda para canonizar hum Heroe : o vulgo facilmente se engana , porque não discorre , marcha á semelhança do gado. *Argumentum pessimi , turba est* ; dizia Seneca. Segue-se daqui , que antes de julgar , he preciso que o homem discorra com reflexão , e peze exactamente os momentos das coisas , d'outra maneira , vai perdido o equilibrio da razão , e nos precipitamos em gravissimos erros. Engana-se o entendimento , quando reputa hum homem capaz de ensinar qualquer sciencia , porque possue huma : por ser D'Alambert mathematico , não se segue que fosse capaz de ser mestre de Paulo 1.º Imperador da Russia. Que razão ha para eu julgar que hum

Architecto he capaz de me construir hum palacio, porque me fez huma choupana? Se hum Clerigo he bom Cura, segue-se que deva ser bom Ministro de Estado? Porque hum homem empilhado em livros se fez Doutor em Medicina, segue-se que possa ser hum Governador de homens? Quantos ha, dos quaes se póde dizer com Tacito a respeito do Imperador Galba = *dignus imperio nisi imperasset*! Para proferir pois hum juizo exacto he preciso haver experimentado a pessoa em muitas occasiões, e então se avaliaráõ os graos de sua aptidão. Enganão-se tambem aquelles que persuadidos que sabem exclusivamente tudo, desprezão todos aquelles que com elles não sentem, e concordão. Quem não conhece estes hypocritas, ignorantes, e fanaticos que julgão possuir só a summa das virtudes, e do saber humano? Com quanta soberba julgão todos os outros homens irreligiosos, ignorantões, e preoccupados! Tudo

o que existe fóra de sua actividade, he insipiencia, e atheismo! A palavra preoccupação tẽ infinitas relações de tempo, e de pessoas. Os homens preoccupados são semelhantes á escrava céga que Seneca conservava, a qual dizia que não enxergava, porque a casa estava fechada, e ás escuras; ou como aquelle Florentino, que havendo quasi em meia idade perdido o ouvido, se queixava que a gente não fallasse alto como fallava na sua mocidade. Outros ha que negão huma coisa porque a não entendem. Com este fundamento Ario, no quarto seculo, atacou a substancia do Verbo, e os Apolinaristas lhe negárão a natureza humana. Com este fundamento admittírão os Manicheos os dois principios; mas porque se não entenda huma coisa, não segue que ella não seja verdadeira. Não se conhece que coisa seja a força magnetica, não se entende o Electricismo; não se sabe como da mão se communica a força á bola que se ar-

remeça. Não se segue daqui que seja falsa a atracção, que não haja electricismo, e que senão mova huma bola arremeçada. Segue-se daqui que são coisas mysteriosas que senão sabem, e huma tal ignorancia nos salva, e daqui tambem nos resulta huma obrigação mais á misericordia Divina: devemos dizer com Origenes: *Deo gratias agimus quod ignorantiam nostram non ignoremus.* Além disto, o interesse tambem modifica os nossos juizos, e os torna fallaces; e com effeito, temos por bons todos os Juizes, Ministros, e Superiores, que são uteis ao nosso estado, e á nossa causa. Hum Juiz absolve hum reo; hum Legislador levanta a grandes honras hum homem que menos as merecia; hum Papa tira alguns abusos como effeitos da avareza: os primeiros são tidos por justos aos olhos dos protegidos, os segundos por crueis aos olhos dos delinquentes. Quando se abolirão os Jesuitas, os Monarcas

que os expulsárão forão chamados prudentes, e sabios por todos os povos da terra, e scismaticos pelos mesmos Jesuitas. Tal he o interesse aos olhos dos individuos, e tal he o interesse aos olhos da communidade! Nero, Caligula, Domiciano, e Maxencio, tyrannisárão os Christãos, e com razão forão chamados crueis; Constantino, e Carlos Magno os favorecêrão, e forão chamados grandes. Se hum Mahometano mata hum Christão, he despiedado, se hum Maltez mata dez Turcos, he valoroso. O interesse fixa os epithetos, o interesse fixa os nossos juizos; eis-aqui o que faz que tudo refiramos a nós mesmos, e esta he a medida das acções humanas. Nós não julgamos bem, ou mal senão segundo as idéas analogas ás nossas, d'outra sorte nos serião obscuras, e inintelligiveis. Esta relação excita a nossa attensão: eis aqui porque Tasso, Ariosto, e Metastasio gozão de huma estima universal entre o Público; e a est-

ma em que está Galilêo he restricta, e limitada. Este principio de analogia he tambem o verdadeiro motivo porque se faz mais caso deste, que daquelle escriptor. Gassendo, o portentoso Frade Minimo Marino Merseno, e Puffendorf, tem por hum prodigio o Tratado de Hobbes = *De Cive* =, escarnecido, e satyrizado agora pelo commum dos doutos. Sarpi, e Giannone, ao mesmo tempo que erão applaudidos, e abençoados por huns, erão proscriptos, e insultados por outros. Eu poderia ajuntar a estes erros outros muitos, mas só me limitarei áquelles que nascem do abuso dos termos, ou dos vocabulos; são muitos, porém entre elles escolho os seguintes: Materia, Espaço, Infinito, Liberdade.

Em quanto ao primeiro, disputou-se e ainda se disputa se a materia he sensivel de sua natureza. Para difinir isto, bastava fixar huma idéa clara a este vocabulo, sem arquitectar tantos, tão differentes, e tão

absurdos systemas, sem me perder nas combinações dos possiveis, e sem fazer prodigiosos esforços de engenho. Se por materia se entende o aggregado de todos os attributos communs aos corpos, toda a indagação se limitaria a saber, se a extensão, a solidez, a impenetrabilidade são, ou não as unicas propriedades communs a todos os corpos? Se o descobrimento da força magnetica, ou o da electrica, não houvesse feito suppôr nos corpos alguma incognita propriedade semelhante áquella do sentir, que se manifesta nos corpos organicos dos animaes, a disputa reduzida a este ponto não se poderia resolver como soccorro da analogia sem o unico, e verdadeiro soccorro da Revelação. Locke foi hum que desenganou, e suspendeo os engenhos, fazendo vêr que se ignora a natureza do corpo, que delle não conhecemos mais que os attributos externos, como he a solidez, a figura, o movimento, a divisibilidade, a tan-

gibilidade, e a côr. Eu devo a Locke alguma coisa, porque me animou, como Filosofo, a ignorar de facto, e de boa fé aquillo que senão póde saber: para o difinir seria preciso ter hum pleno conhecimento do inteiro systema Mundano, sem este, nunca teremos dos Filosofos, mais que truncadas, e engenhosas Novellas. Trinta annos ha que busco este conhecimento; seja qual for o meu emprego, ainda não deixei de o indagar senão nas horas que durmo, e nunca parto do ponto da primeira ignorancia; quando entro nas bastas Bibliothecas cobre-se-me o coração de huma espessa nuvem, nenhum de tantos mil livros me diz que coisa seja a materia de que se compõe a maquina Mundana, que origem teve, como se conserve, e como deve acabar. O que os homens disserão são delirios, he preciso habituar-me a esta ignorancia; a morte será a minha mestra, e a esperança que me dá a Revelação então terá seu cumprimento.

VIII.

Se não temos huma noção clara da essencia da materia, outro tanto podemos dizer da voz Espaço. A maxima parte dos Methafisicos já não fórma da voz = Espaço = hum ente de razão, mas hum ser real. A ignorancia da essencia do Espaço accendeo crua guerra entre Leibnitz, e Clarcke. Quantos trabalhos pouparião, se desde o começo da disputa houvessem dado huma idéa clara ao vocabulo! Parece-me, que convirião ambos em que o espaço considerado in abstracto he hum mero nada, e considerado nos corpos, e em torno dos corpos, he a mesma coisa a que chamamos extensão em parte vácua, e em parte cheia de materia.

IX.

Segue-se o vocabulo = Infinito =: eu me ponho a avaliar a grandeza

do volume que tem huma pulga, comparo esta com o homem, o homem com hum palacio, a do palacio com huma Cidade, a da Cidade com hum Reino, a do Reino com a Europa, a grandeza da Europa com a terra toda; depois disto conceba-se a orbita da terra, depois a de Saturno, depois a de Sirio, depois a das estrellas da ultima grandeza, depois a orbita da via lactea, e dê-se á pulga a grandeza de huma linha cubica, confronte-se esta com tão desmedidas grandezas; redobre-se esta desproporção, centuplique-se até que faltem os numeros; eis-aqui a idéa de huma grandeza infinitamente pequena, e infinitamente grande. Segue-se que não a privação dos limites, mas a falta dos numeros fórma a nosso modo o Infinito. Huma mesma coisa póde parecer a este finita, áquelle infinita. Helvecio faz menção de alguns povos selvagens, que não sabem computar senão até tres; para estes qualquer quantidade

tanto crescente, como de-crescente além dos tres, parecerá infinita. E quem duvida, que a infinidade que hum calculador póde conceber, he maior que a infinidade que póde conceber hum aldeão? Hum rustico julga a terra infinita, Cicero a julga hum ponto perdido em o Universo.

X.

Neste mesmo fundamento se firmão outro sim tantas disputas, antigas, e modernas sobre o vocabulo = Liberdade =: ha muito se terião acabado, se se conviesse com o profundo Malebranche, que he com effeito hum mysterio. O homem livre he aquelle que, guiado da recta razão, obra, e omitte o que lhe apraz ainda nas coisas contrarias. Daqui resulta que não he livre o que está carregado de cadêas, o que está no fundo de hum carcere, e he detido, e aterrado como hum escravo: he livre o que exercita toda a

massa do seu poder. Nem se me diga que o homem não he livre, porque não póde viver, e nadar n'agoa como o peixe, ou voar nos ares como huma ave; ou que não he livre, porque não póde ser Rei, Imperador, e Papa; porque a liberdade fisica não he maior que as forças naturaes. A maior difficuldade provém dos actos moraes, ou do poder de querer e não querer indifferentemente o bem, e o mal. O desejo do prazer, ou satisfação propria, he o principio de todas as nossas acções. Ora, se todos os homens tendem de continuo para a felicidade, ou real, ou apparente, todos os nossos desejos, todo o nosso querer, he effeito desta tendencia. Ora segundo este principio, nenhuma idéa adequada se póde annexar a este vocabulo = Liberdade = Eis aqui porque os Estoicos a tinhão por huma quimera. Eu concluo que he preciso conhecermos a propria ignorancia, e persuadirmo-nos de huma vez,

que são muito estreitos os limites do saber humano, e por isto a questão da Liberdade deve considerar-se como hum mysterio, e deixar-se aos sagrados Theologos.

XI.

Tal he pois a natureza da nossa razão, débil, finita, e desconcertada, e sendo o homem hum complexo de corpo e espirito, segue-se, que huns objectos lhe fazem impressão n'alma, outros no corpo, e que huns lhe devem causar prazer, outros desprazer, e a este prazer, ou desprazer se dá o nome de bem, ou de mal; este póde ser ou fisico, ou moral; eis-aqui porque devemos examinar a natureza destes bens, e destes males, tanto reaes como apparentes, e dar o justo preço a cada hum delles, porque elles são os que formão a felicidade, ou a miseria humana tanto solida, como ideal. Neste exame devemos sobre tudo apren-

der a não abraçar hum bem de que nos possa resultar hum mal consideravel, e a supportar hum mal passageiro, o qual seja consequencia certa de hum grande bem futuro. Disto se conhece quão grande seja a necessidade que temos de nos habituar a reflectir sobre a natureza, propriedades, relações, e fins dos objectos; de lêr críticos judiciosos para sindicarmos á luz da razão as opiniões, e escritos dos homens; de não julgarmos, e decidirmos com precipitação, de adquirirmos, finalmente, huma certa sciencia dos ultimos graos nossa actividade mental. Devemos da tambem com grande circunspeção avisarmo-nos de duvidar em materias filosoficas, de todas aquellas coisas em que póde entrar o raciocinio, porque hum scepticismo moderado, e judicioso he o mais poderoso meio de investigar as verdades de sua natureza obscuras, e complicadas. Para-se conseguir tudo isto he preciso melhorar, e aperfeiçoar a razão, a

qual á semelhança de huma tocha acceza deve preceder os passos da nossa vida, livrando-a do imperio da ignorancia, e das paixões, illustrando-a com a leitura, a qual eu limito para os homens feitos, e verdadeiros Filosofos, a todos os escritos de Marco Tullio Cicero: este homem he o mais illustre brazão do engenho humano, e he o engenho que mais honra a natureza: o estudo dos seus escritos he o meio mais poderoso de illuminar, e engrandecer a nossa razão; fallo por experiencia propria, e por ella conheço que existindo os escritos de Cicero, não houve motivo para se dizer, que na determinação de destruir todos os livros, e reservar hum, este devia ser Plutarcho. Este meu conselho he hum legado que eu deixo como Filosofo aos Filosofos; eu o deixo a todos os homens de gosto, e que desejarem tocar a summa perfeição em todo o genero de litteratura. O Orador profundo, o Poeta sublime, o

Moralista assisado, o Jurisconsulto, finalmente, e o Politico, ou o homem de Estado, no serio estudo de Cicero acharáõ tudo. Sinto na verdade que os prodigiosos homens, que compunhão a Escola de Florença nos dias de Lourenço de Medicis em lugar das exposições, analyses, e commentarios que fizerão dos escritos de Platão, o não fizessem dos escritos de Cicero; e ainda que elles não desprezassem Cicero, lião este homem immortal como Latinistas, e não como Filosofos. Desculpe se-me esta digressão ou considere-se como hum tributo de amor, e respeito que eu consagro a Cicero; e dou crédito agora a Quintiliano, e sei que tenho aproveitado muito, porque me agrada muito Cicero. Rectifiquemos a nossa razão, e imite-se Cicero na maneira de filosofar, assim como as maiores personagens em armas, e em letras imitárão sempre, e emulárão os outros. Platão imitou a Sacrates, Aristoteles a Platão. Plau-

to imitou a Epicarmo, Terencio a Menandro, e o mesmo immortal Marco Tullio nos Divinos Livros dos Officios imitou a Panecio, nos da Republica a Platão, e nas Orações a Demosthenes: mas na Poezia pelo contrario, por experiencia propria, tambem não aconselho imitação. Tasso seria ainda maior, e mais admiravel senão imitasse tanto Homero, e Virgilio. Milton he tão grande porque a ninguem imitou: o grande Poeta deve ser como o Pintor Hollandez *Bisschop*, que não quiz escola nem escutar as lições de Mestre algum, porque tinha, dizia elle, a natureza diante dos olhos; e a Poezia he Pintura.

Os grandes e illustres Capitães tambem imitárão; Alexandre imitou a Achilles, Annibal a Alexandre, Cezar a Epaminondas, Themistocles a Milciades. Daqui nascerão as invenções dos retratos, das estatuas, das inscripções, dos mausoléos; e disto tambem o nobre costume de fazer

cantar nos festins, e banquetes as façanhas dos antigos, e já defuntos Heroes, com cuja contemplação hum animo generoso, se sente inflammado do ardente desejo de imitar suas virtudes: e eis-aqui porque o mesmo immortal Cicero tratando da imitação nos livros, verdadeiramente filosoficos, do Orador, escreveo: *Hoc sit primum in præceptis meis, ut demonstremus, quem imitermur.* Baste pois da fantasia, baste da razão, unica faculdade do espirito: segue-se a memoria a qual como participante de ambas, póde ser chamada huma potencia, e faculdade do homem.

CAPITULO V.

Da memoria do homem, de seus effeitos, abusos, e maneira de os reparar.

I.

SE se considera o modo porque a alma pensa, o qual não he mais que huma leitura que ella faz no admiravel livro da fantasia, parece que a memoria tambem se póde reduzir a hum acto do entendimento, e para o dizer melhor, parece-me que o pensar não he outra coisa mais que a memoria. A memoria he hum habito de nos lembrarmos das coisas ou aprendidas ou meditadas. Este habito forma-se pela repetição dos actos, por isto nasce, e cresce com a cultura, e para ella ser feliz he preciso disposição fisica, exercicio contínuo, e sensibilidade dos sinaes. Passa por prodigiosa a memoria de

João Pico de La Mirandola, de Cornelio Musso, Bispo de Bitonto, do célebre homem Portuguez Francisco de Santo Agostinho de Macedo; (e deve passar a minha, porque não possuindo já hum só livro, tudo componho, e tudo cito de cór, enganando-me mui raras vezes.) Pelo contrario ha memorias tão infelizes que com extremo trabalho conservão tres idéas. Tudo he effeito do magisterio da fantasia. Se os homens se dessem e habituassem mais a contemplar as obras da sabidoria infinita de Deos, quanto os maravilharia hum homem que em público recita hum longo discurso que compozera; eu mesmo que o faço quasi todos os dias, não posso deixar de me espantar, ora da rapidez da recitação, ora da cadêa nunca interrompida das idéas, ora da deducção dos argumentos, e finalmente da propriedade dos termos que senão trocão. A' vista disto, eu me tenho perguntado mil vezes a mim mesmo, se em de-

corar algum escrito vamos ordenando as idéas na fantasia? Ou se por ventura as vamos imprimindo huma depois de outra até deixarem mais profundos vestigios com os actos reiterados? Mil vezes me tenho perguntado a mim mesmo, porque razão quando nos queremos lembrar de alguma coisa tocamos, ou batemos com a mão na testa, e procuramos com força como desdobrar, e desembaraçar os seios do cerebro? Por ventura o nosso entendimento reconhece todos os vestigios, ou a massa do cerebro se põe em movimento diante da alma, para que volvendose em todos os sentidos, se apresente em fim a procurada idéa? Quem sabe se as fibras mediante a compressão dos objectos se dobrem como os ramos de huma arvore opprimidos com algum pezo? Se isto assim fosse, a memoria não seria mais que hum effeito da elasticidade? Não; porque então a felicidade da memoria devia seguir a dureza das fibras,

o que he falso; porque nos velhos ha pouca memoria, e se procedesse da dureza das fibras, devia nelles ser maior.

II.

Diga-se pois que a memoria contém em si arcanos incomprehensiveis, e inexplicaveis. Mas ainda que tudo quanto se sabe seja puro effeito da memoria, se esta não he acompanhada de juizo, longe de nos ajudar, nos confunde, faz os homens falladores, e se escrevem são apenas authores de indigestas collecções, torna-os secantes, impostores, presunçosos, e superficiaes. Daqui se segue, que quem se deseja distinguir, e perpetuar o seu nome precisa que ame a memoria, porém a memoria de coisas; que componha livros claros, e solidos; que possua a erudição; porém a solida, e util; que a empregue, e manifeste com juizo, porque a variedade que tanto nos deleita nos livros, não se deriva da

muita erudição, porém da novidade, da ordem, e da formosura; e finalmente deve procurar que o util, o qual necessariamente deve dominar nos escritos, não proceda de coisas disparadas, e pouco, ou nada provaveis, mas que se derive de doutrinas novas, verdadeiras, e interessantes.

III.

Taes são os principaes defeitos em que nos póde fazer cahir o abuso da memoria, e taes são os meios para esquivarmos estes defeitos. Ora analysadas dest'arte as potencias, e faculdades do homem, para proceder com ordem julgo necessario fazer aqui hum esboço dos diversos effeitos das suas varias modificações, as quaes, ainda que muitas, e mui differentes entre si, serão reduzidas ás seguintes: --- ao homem de genio, de bom siso, e de bom gosto; ao homem de engenho profundo, penetrante, forte, fino, claro, lumino-

so, e recto; a estas se seguirá em ultimo lugar a declaração do homem de engenho livre, servil, difficil, tardo, e duro.

CAPITULO VI.

Dos effeitos diversos das varias modificações das potencias, e faculdades do homem.

I.

DA-se hoje o especioso titulo de genio nobre a Pythagoras, a Socrates, a Platão, a Aristoteles, a Epicuro, ao grande Cicero, a Seneca, a Epitecto, a Tacito, a Plutarcho entre os antigos; a Bacon; a Espinosa, a Grocio, a Hobbes, a Puffendorfio, a Descartes, a Galileo, a Locke, a Newton, a Leibnitz, a Bayle entre os modernos: não porque em suas obras haja aquelle fogo aquelle enthusiasmo, ou sopro divino, que anima os Poetas, os Pin-

tores , e os Historiadores com que tornão vivos os objectos que pintão, e de que tratão ; porém por serem grandes pensadores , e por haverem creado, ou milhorado muitas coisas scientificas. O vocabulo -- Genio -- vem de gerar, produzir , crear , e chamão-se homens de grande genio, porque disserão coisas novas. Mas, por ventura todo o inventor merece este nome ? Não. Os inventores do papel , da arte typografica , da polvora , da bússola , dos telescopios , da membrana reticular , não se devem reputar outras tantas personagens da classe de Archimedes, de Architas, de Galilêo , de Torricelli ; porque estas invenções como fortuitas , e casuaes , não merecem ser igualadas aos partos mais prodigiosos do engenho humano. Sendo certo , que não basta que estes partos sejão peregrinos , e novos , he preciso tambem que sejão uteis , e interessantes ao público ; nem se me diga que não não ha coisa mais util , que a

Imprensa, a Bussola, a Enchada; o Moinho; são uteis, he verdade, mas são fortuitos acontecimentos, são effeitos do acaso. -- Mas se os authores destas coisas não são homens de genio, muito menos o devem ser os Escritores; porque elles fazem continuo uso das vozes vulgares, e expressões communs a todos os homens. Respondo, que ainda que hum author faça uso das vozes, e expressões alheas, ainda mesmo de sentimentos que não sejão novos, não deixa de ser homem de genio, em quanto a diversa combinação das idéas, a novidade das coisas, e a força das expressões o tornão grande, e admiravel. Desde o tempo de Platão se começárão a oppôr os Peripatéticos, e os Estoicos disputando, que se não podia representar coisa no entendimento, sem que primeiro se houvesse gravado nos sentidos. Esta mesma proposição tratada, e discutida quasi em nossos dias por Locke, recebeo tanta clareza, e tanta

força que a defensa das idéas innatas se julga coisa vergonhosissima. Kepler achou as leis da gravitação dos corpos, Newton a applicou ao systema celeste de hum modo engenhoso, e esta applicação lhe merece de justiça o titulo de genio, e de grande genio. Outro tanto se póde dizer de Copernico, e do immortal Galilêo. O primeiro tirou á luz a já morta opinião de Nicetas Siracusano sobre a mobilidade da terra em torno do Sol; mas esta mesma sendo depois com mão de mestre tratada pelo outro, recebeo tanta força, e tanta actividade de movimento nos seus Dialogos, que segundo me parece, mover-se-ha para sempre. Por isto, ainda que Locke, Newton, Copernico, e Galilêo hajão tratado argumentos não novos, com tudo a nobreza de seu pensar, e a facilidade de se exprimir os tornou dignissimos de fazerem huma época na historia das sciencias humanas, e por isto devem ser collocados no cathalogo

dos grandes genios. Daqui concluo, que se póde fazer época em toda a sciencia, e arte, porque entrando em cada huma della a invenção, a melhoria, a perfeição, e a viveza, e novidade de se exprimir, e huma certa nobreza, hum ar, huma aptitude singular, em cada huma dellas póde haver celebradissimos Professores: por isto tem homens de genio a Filosofia, a Historia, a Medicina, a Legislação, a Mathematica, a Poezia, e quasi todas as artes civis, e militares: e póde o genio fazer época, até por alguns graos progressivos, porque sendo sempre os principios das coisas, rudes, e grosseiros, com difficuldade seus inventores fazem época; porque senão tornão insuperaveis: taes forão Hipocrates, Plinio, e Grocio. Seguese que o homem para se fazer, como genio, singular, he preciso que a razão suba, e se eleve a hum certo gráo de perfeição, o qual nem sempre, nem a todos he dado o tocar,

ou exceder. A razão entre os primeiros Romanos era infantil, foi progredindo no dominio dos Reis, depois no dos Consules, até que no seculo de Augusto chegou ao periodo mais luminoso; daqui pouco a pouco começou a descer, e declinar, e jazeo barbara, e embrutecida pelo espaço de mil annos. Outra vez se desenvolveo no decimo terceiro seculo, remontando imperceptiveis vôos por toda a Europa até ao desastrado momento da Revolução. Segue-se tambem que alterando-se continuamente os graos da razão como os do Barometro, não podem existir em todos os tempos os taes homens de genio; porque para se distinguir hum entre muitos, he preciso o concurso de muitas circunstancias; porque não he possivel que todas concorrão em todos os estudiosos das sciencias, e das artes; e por isto só se podem, e devem esperar em cada hum dos seculos poucos homens de genio capazes de fazerem

epoca. Ha todavia alguns concursos felizes, nos quaes tem campeado grandes genios, em o numero, e nas producções. Taes forão os tempos de Augusto, os dos Medicis em Florença, e o Seculo de Luiz XIV. em França: até na Moscovia o Seculo de Pedro o Grande, e em Inglaterra o da Rainha Anna. Tambem concluo destes principios, que o mesmo homem não póde fazer época em muitas sciencias, e artes a hum mesmo tempo, não porque lhe falte o engenho, e a attenção em todas, ou porque se ache privado das necessarias circunstancias. Pompeo foi grande Capitão, mas não foi litterato; Leão X. foi hum grande Principe, mas não foi hum grande Papa; pelo contrario Benedicto XIII. foi hum virtuoso Papa, mas não foi hum grande Principe. Só vejo entre os homens Cicero, grande Orador, grande Filosofo, grande Estadista; Cesar summo Capitão, e summo literato; Leibnitz singular Filosofo, prodigio-

so Mathematico, grande Historiador, e incomparavel Methafisico. Lambertini inimitavel Pontifice, profundisimo litterato, e sapientissimo Monarca: e nas artes hum Miguel Angelo Buonarota, o qual, sem me lembrar que em proza e verso foi eminente, foi tambem admiravel Arquitecto, e espantoso Pintor, e Escultor.

Finalmente, concluo, que todos os grandes genios são outros tántos effeitos de huma forte paixão, a qual reunida em hum só ponto de actividade, constitue o homem no estado de levar mais á vante os gráos da intelligencia humana, porque quanto mais cresce a intensidade de huma paixão, tanto mais se augmenta a grandeza dos genios.

II.

O vocabulo --- *Bom senso*, he vago, e implicado pelas suas muitas relações. Entre todos os homens ha

alguns sem este senso, e ha alguns de bom senso; os primeiros são os animos sem paixão, os segundos são aquelles que conservão a razão, e os sentidos rectificados. Em quanto aos primeiros, assim como a vehemencia das paixões produz em nós infinitos effeitos bons, tambem produz infinitos effeitos máos, e muitos, e mui funestos erros. Ora se os animos sem paixão não gozão dos primeiros, tambem não cahem nos segundos; do que se segue, que o bom senso acaba, onde o espirito começa. Neste homem pois destituido deste senso não se descobre nem invenção, nem coragem, nem actividade, mas huma louvavel apathia, e huma tranquilla cegueira. Huma sociedade de homens deste caracter seria a mais tranquilla do Mundo. Della se não deveria esperar, nem estrepito de armas, nem cultura de sciencias, e de artes, nem progressos em o commercio, nem viagens perigosas, nem celebridade de nome; por-

que consistindo o seu merito na privação, seria a meu vêr esta República a dos Deoses de Epicuro. Hum Prior de nenhum senso, ainda que irreprehensivel, mesmo sem querer arruinaria toda huma communidade. Hum Senado, hum Sinedrio deste caracter, seria huma assembléa nulla. São necessarias no homem as paixões, as quaes excitadas, e inflamadas a tempo, fizerão em todos os lugares os grandes Capitães, os Literatos de estima, os optimos Cidadãos, e até os penitentes Anacoretas. Mas estes homens de paixões exaltadas não devem governar os outros homens; porque são tyrannos natos; e os outros absolutamente apathicos não são tambem capazes de governar homens. O grande mal não só se faz por commissão, mas por omissão; na primeira classe são os tyrannos de alma sagaz, e astuta, interessados, crueis; da segunda, são os chamados de nenhum senso, em quano o *seu* silencio, descuido, ignoran-

cia, e indolencia, fazem nascer, e multiplicar infinitamente os males no estado, e só os conhecem quando se tem tornado irreparaveis.

III.

Os homens de nenhum senso são bons para si mesmos, mas são perniciosissimos ao Estado, quando a fatalidade os constituio dominadores. Estes Heroes sem virtude, longe de servirem para commandar, tem elles mesmos necessidade de socorro, e de ajuda. Alexandre em todas as suas acções sempre grande, chegando ao ponto da morte, e preguntando-lhe os amigos quem declarava para successor do Imperio, ainda que tivesse filhos, os dispensou do governo, e lhes respondeo, que ao mais digno. Esta acção de si tão grande, que excedeo o mesmo Alexandre, foi imitada por Augusto: tinha este, não hum, porém muitos successores nos filhos de suas ne-

mãs, porém de nenhum senso, e por isto escolheo a Tiberio. Este mesmo Tiberio, ainda que sabedor de quanto devia obrar Caligula contra Claudio legitimo herdeiro, não querendo expôr o Estado a huma deploravel tyrannia qual se experimentou depois, nomeou Caligula. Não he assim o homem de senso, e de bom senso, o qual consiste em huma coisa positiva, isto he, nos sentidos, e razão aperfeiçoada com o estudo das artes, com a reflexão, com a pratica do Mundo principalmente literario. Então o homem faz milagres, e não só nas sciencias, mas nas artes, os seus juizes são outros tantos canones de verdade. Hum homem deste caracter póde ser chamado o unico Cidadão do Mundo, porque tudo entende, tudo conhece tudo peza, e determina rectamente. A esta perfeição se aproximavão os antigos Romanos, e hoje se aproximão todas as Nações maritimas da Europa, principalmente os Ingle-

zes, que se devem ennobrecer com o sublime titulo de Cosmopolitas. Eu tenho observado alguns homens desta tempera, he verdade, mas metidos a disputar de desenho com hum Pintor, dos infinitamente pequenos com hum Mathematico, de politica com hum Estadista, observei, que ainda que tivessem, e mostrassem clareza nas idéas, ordem no discurso, todo o seu saber se limitava, e reduzia a lugares communs. Tratemos do homem de *bom gosto.*

IV.

O gosto, tomando-se na significação mais extensa, denóta, ou significa aquillo que merece estima entre a maior parte dos homens cultos, porque dizer, v. g. Leão X. foi hum homem de gosto tanto nas coisas scientificas como nas mecanicas, equivale a isto: --- Teve este Papa a grande arte de saber escolher o que havia melhor entre as scien-

cias, e artes mecanicas, dando-lhes huma aptitude, e aspecto tal, que tudo quanto produzia era nobre, era grande, era inimitavel. Diga-se pois que o homem de gosto, de bom gosto, e do melhor gosto, não são mais que os diversos graos de saber entre as gentes instruidas nas sciencias, e artes, os quaes tem conhecimento do verdadeiro bello, alcançado com longo estudo nas obras, e composições dos antigos: isto he n'algumas sciencias, e artes, como a Pintura, Escultura, e Architetura. Mas não he o mesmo nos Poemas, nas Tragedias, nas Comedias, na Musica, nos Romances, nos Discursos politicos, e até nos festins, e nas darças, em que se não seguem os antigos, mas se abraça a moda, isto he, o que mais abraça o commum do seculo, e do paiz: de sorte que o homem de gosto em Lima, he em París hum Samoiéda, e o mais polido Italiano parecerá hum barbaro aos Hottentotes. Hum Gaze-

teiro Americano diz que estando hum dia entre os Caraibas ouvíra dois velhos que se queixavão que a sua Nação tinha degenerado, e se havia feito semelhante á gente Européa. Ha hum meio para chegar a possuir este tacto que se chama gosto, e he puramente racional, e nasce do profundo conhecimento que se adquire, e possue de todos os antigos, e modernos Escriptores, e Artistas, e de seu genio em particular; da confrontação de todos resulta o gosto de julgar bem nas obras originaes. Destes principios concluo, que quando se encontrar hum homem de apurado gosto nas sciencias e artes se lhe deve consagrar hum profundo respeito, e estima, porque não póde ser tal, sem que deva á natureza huma felicidade, e sublimidade de engenho prodigiosa. E sendo tal a idéa do homem de bom, e apurado gosto, bem se vê, que he mui difficil encontrar-se hum espirito de gosto universal, porque senão póde hum ho-

mem só consagrar todo a todas as materias.

V.

O vocabulo --- Engenho, ou Espirito, --- além de ter muitos significados, denóta hum ajuntamento de idéas, cálculos, combinações, e progressões. Com esta definição bem se conhece que senão trata aqui do espirito como huma substancia, mas como huma potencia. Daqui se segue que se em qualquer sciencia, ou arte se podessem formar todos os cálculos possiveis, não haveria invenção, tudo seria sciencia, e o homem deixaria de ser engenhoso, e espirituoso. Huma só vez que o homem chegasse a estes primitivos principios das coisas universaes, a sciencia dos factos seria inutil, e as Bibliothecas ficarião sem uso. Deste modo todas as sciencias, e artes espalhadas, e dispersas em huma infinidade de obras, serião por huma mão de mestre reduzidas a hum pe-

queno volume de Taboas, que conterião em si como a quinta essencia do saber humano. Mas como não podem haver humas semelhantes Taboas por isso se diz --- espirito de calculo, e conseguintemente invenção. E sendo isto assim, porque razão chamamos a huns homens de espirito, e a outros não? Para o saberrmos, consultemos o Público: por ex. Entre os Italianos são decorados com este titulo Machiavelli e Galilêo, entre os Francezes Montagne, e Montesquieu, e outros em grande numero; não porque hajão inventado coisas novas, mas porque depois de haverem conhecido a verdade de tantos factos ignótos, tiverão o espirito de os dizer com franqueza Cynica: e como suas obras são interessantes ao Público, ligão, e estreitão muito a sociedade civil e por isso são chamados homens de espirito.

VI.

A' primeira vista, espirito penetrante, e espirito profundo parece que sôão huma mesma coisa, mas se analysarmos estes vocabulos, acharemos que são differentes, e sua differença se mede pela intensidade das mesmas coisas. Eu me explico, chama-se penetrante hum espirito, quando clara, e promptamente concebe huma idéa, ainda que seja subtil, vaga, e complicada. Ora assim como o entendimento he penetrante quando comprehende com presteza, assim tambem se chama agudo, e subtil quando toca com clareza o entendimento. Pelo contrario, espirito profundo he aquelle que concebe todas as relações de huma coisa, mediante huma tão exacta analyse que tudo se reduz a idéas simplicissimas, prespicuas, e claras. Se hum homem chegasse a conhecer até que ponto se póde conduzir, e levar es-

ta analyse, conheceria tambem toda a força, e profundidade do espirito humano. Profundos forão, entre os antigos, Platão, Aristoteles, o milagroso Cicero, Horacio, e Tacito: e no renascimento das letras, Bacon, Grocio, Des-Cartes, Galilêo, Locke, Clarck, Bollingbrocke, Bayle, Leibnitz, Newton, Vico, e outros; tudo nasce da grandeza, e vastidão de seu entendimento creador. Disto se conhece, que he profundo aquelle dito o qual expõe muito em pouco, e he como prenhe de infinitas idéas. Profundo he o dito de Tacito, que eu já referi, a respeito do Imperador Galba, que seria digno do Imperio, senão imperasse. Lucio Floro entre todos os Escritores he admiravel em ditos agudissimos e profundos. Representa as acções, e factos de Annibal em poucas palavras, quando disse que este Capitão quizera antes gozar da victoria, que servir-se della: *Cum victoria posset uti, frui maluit.* Em hum só rasgo

mostra como em hum quadro toda a vida de Scipião, quando, descrevendo sua mocidade, disse: --- Este he Scipião, o qual cresce para destruição de Carthago: --- *Hic erit Scipio, qui in exitium Africæ crescit.* E finalmente, fez vêr o grande caracter de Annibal, a situação do Universo, e a grandeza Romana, naquellas sempre memoraveis palavras, e as mais discretas que se tem dito: --- Annibal fugitivo buscava hum inimigo ao Povo Romano por todo o Universo. --- *Qui profugus ex Africâ, hostem Populo Romano toto orbe quærebat.* E Machiavelli, fazendo o elogio do célebre Castrucio, profundamente o chamou: --- Em toda a sua fortuna Principe. --- A tudo, e a todos excede Tertuliano:

VII.

Segue-se o espirito forte: communmente se dá hoje este epitheto a todos os que promovem o scepticis-

mo, principalmente em materias de Religião. Taes são os Pantheistas, os Atheos, os Indifferentistas, e outros cujo cathalogo cança. Não disputo se estes homens se devem, ou não chamar espiritos fortes; a mim me parecem muito fracos, e muito debeis: porque, como se podem chamar fortes aquelles que á vista da natureza que de toda a parte reflecte omnipotencia, sapiencia, symmetria, immensidade, negão o seu artifice, o calumnião, e o despojão de seus necessarios attributos? Só se podem chamar fortes, porque á face de tanta evidencia tem o impudente descaramento de negar tudo para serem freneticos á sua vontade! Estes Apostatas da natureza não merecem o nome de fortes. Porém deixemos isto, e expliquemos alguma coisa, que se entenda, ou que eu entendo. Em primeiro lugar; chama-se forte huma idéa quando he interessante, e propria, ou capaz de fazer em nós huma vivacissima impressão, e a im-

pressão, ou he effeito da mesma idéa ou da expressão. Esta viveza póde convir indifferentemente aos Pintores, aos Esculrores, aos Historiadores, aos Filosofos, aos Oradores, e sobre tudo aos Poetas. Huma idéa ainda que commum, mediante huma expressão luminosa, e brilhante, póde excitar nos ouvintes huma forte sensação. Daqui nasce que o grande, e o forte se combinão, e se confundem entre si, e para podermos determinar sua differença he preciso considerallos de diversa maneira, e debaixo de diversos aspectos, isto he nas idéas, nas imagens, e nos sentimentos. Primeiramente, he grande toda a idéa em geral, que he interessante, ainda que vivamente nos não toque pela nossa diversa situação. Quando se havia amortecido nos tempos de Filippe o ardor da liberdade, ou pelo menos enfraquecido entre os Gregos, os discursos de Focião, e a eloquencia de Demosthenes não fazião sensação. Outro

tanto se póde dizer dos Romanos; a voz do segundo Bruto não fez nelles aquella mesma impressão, que tinha feito a do primeiro. Aqui vemos, que a idéa que n'hum tempo fora grande, ainda que não tenha cessado o interesse deixa de ser tal. Não succede assim á idéa forte, a qual he sempre sensivel. Contemplemos em segundo lugar as imagens, descripções, ou pinturas, feitas para excitar a nossa imaginativa. São outras tantas luminosas producções, as quaes nascendo do contraste do grande com o forte, devem sempre representar coisas admiraveis, ainda que relativas. Nazzanielli, vendedor de peixe, e depois Chefe dos Rebeldes em Napoles, he para mim o Ente que mais me faz pasmar na Historia. Bonaparte será sempre assombroso, e memoravel para todos, Nazzanielli vive esquecido, e porque? Será acaso porque Nazzanielli sublevou o povo de huma Cidade, e Bonaparte a Europa? O

mesmo podemos dizer do Grão-Tamerlão, e de Cartuche: o primeiro chama-se conquistador, o segundo hum ladrão contrabandista, porque o primeiro manda 400⊕ homens, o segundo hum magote de ladrões; e concluamos, que he grande o que fortemente toca o nosso entendimento, e excita, ou surprehende a nossa expectação. Segue-se que grande, e forte nem sempre são convertiveis. O forte he sempre grande, mas o grande, nem sempre he forte. Cicero, Horacio, e Bayle, forão grandes, e a ponto de não terem iguaes na nobreza dos pensamentos, e na clareza das expressões; mas não forão sempre fortes em exprimir-se. Pelo contrario Seneca, e Tacito, porque forão sempre fortes nas expressões, forão tambem sempre grandes. Digamos tambem que huma coisa para ser forte he preciso que seja terrivel, porque, commovendo-se o homem mais pela dor, que pelo prazer, e afugentando huma dor vio-

lenta todo o sentimento grato, mais nos commove o forte, que o grande: eis-aqui porque á vista de hum quadro que representa coisas tragicas, sentimos maior commoção do que experimentamos á vista da pintura de hum jardim. He preciso tambem, que a coisa seja proporcionada á paixão da vingança, do amor, da gloria, ou da ambição. Se na scena se introduz huma Medéa, huma Dido, hum Radamisto, hum Macarêo, nem todos os expectadores ficarão compungidos á sua vista com igualdade. Huns se excitarão aos lamentos de Dido, sem se excitar com a despiedada acção de Medéa. Huns condemnarão Macarêo incestuoso, outros não terão piedade de Radamisto. Quereis fazer chorar hum Litterado, ou hum Capitão? Representai ao primeiro hum Socrates, hum Focião, hum Nicocles, hum Anacarsis, hum Henrique Moro, hum Jordão Bruno; e ao outro hum Temístocles, hum Milcíades, hum

Cimon ; aquelles encarcerados ; e mortos , estes proscriptos , e assassinados. O mesmo farião os Cardeaes , os Papas , e os Imperadores , (oh espectaculo horrendo) ! se os primeiros se vissem postos em scena , e escarnecidos pelas praças de Roma , como lhes fizerão os Hespanhoes quando o exercito de Carlos V. saqueou Roma ; se os segundos vissem hum Pio VII. prisioneiro de Bonaparte , sem se lhe permittir hum tinteiro ; e se os ultimos vissem o mesmo Bonaparte precipitado do Throno de França , e confundido , e ignoto , e prezo na miseravel , e pequena Ilha de Elba , ou se vissem hum Bajazet encerrado na gaiola de Tamorlão , ou hum Persêo , e hum Jugurta encadeados , e manietados ao carro triunfal dos Romanos ! Se pois os homens são mais sensiveis á dor que ao prazer , os objectos de terror em materia de imagens , de idéas , e de paixões os devem mais fortemente tocar , do que os objectos de deleite.

A esfera do grande he mais extensa, e a do forte he mais viva. A invenção do papel, da imprensa, da Bussola, do Telescopio, do Rolojo forão geralmente mais uteis á humanidade inteira do que foi á Europa a quéda de Bonaparte, e com tudo esta quéda fez maior sensação, porque foi mais particularmente interessante á Europa do que foi para o Mundo a invenção da agulha pelo Amalfitano, ou o descobrimento da America por Afonso Sanches. Quem quizer pois ser grande, e forte a hum tempo, he preciso que exprima seus conceitos com clareza, e perspicuidade, e que os vista de imagens vivas, e brilhantes, em huma palavra deve fallar aos olhos para surprehender o entendimento, e em ultimo lugar he necessario que o sentimento seja novo, ou ao menos que appareça tal com a expressão: então a novidade da idéa attrahirá a si toda a nossa attenção, e lhe dará tempo para produzir em nós mais

sensivel impressão. O escriptor com este soccorro fará passar a seus leitores todo o fogo de seus pensamentos. Entre todas as Nações cultas os Italianos são nesta parte maravilhosos, de tal força vestem suas idéas, que embriagão, para o dizer assim, os seus leitores; basta que nos lembremos de Metastasio, do admiravel Tasso, e do Traductor de Tacito, Carlos Davanzzati.

VIII.

Ao espirito forte, segue-se o fino. Em primeiro lugar huma idéa he fina, ou porque se não concebe sem trabalho, ou porque escapa á commum intelligencia dos ouvintes, e he tambem fino hum espirito, ou porque comprehende facilmente os ditos agudos dos outros, ou porque moteja com agudeza. Sem lisongear a Nação, julgo que, entre todas as da Europa, a Portugueza deve passar pela mais fina motejadora; este ca-

racter pouco adulterado, até no seculo dos Periodicos, se descobre até entre o mesmo vulgo. Francisco Manoel de Mello, Gregorio de Matos, Thomaz Pinto Brandão, o Tecelão d'Evora (Doutor em Leis) author da satyra aos Cornudos, o author da Benteida, do Foguetario, e quem quer que seja o author dos Burros, dão á Nação este caracter privativo. Em segundo lugar, tambem significa huma palavra, ou sentimento grávido de muitas verdades: taes são todos os principios scientificos de Verulamio, de Galilêo, de Newton, de Burlamaqui, e do inimitavel Genuense. Em tal caso o sentimento he como huma lente, a qual, á medida que se vai aproximando, engrossa sempre até ao infinito os objectos aos nossos olhos, sem se alterar, fazendo-nos conceber, humas vezes todas as semelhanças, e outras todas as differenças com as combinações possiveis. Hum espirito pois, para ser grande, deve fazer sentir claramente

seus sabios conceitos, e para excitar a attenção deve-os fazer sentir com agudeza, tornando-os, quanto couber em suas forças, sensiveis. Concluo pois, que hum espirito não póde ser grande se não for claro, e se não banhar de luz brilhante todas as suas producções. O espirito claro he aquelle, que apenas proferio hum vocabulo todos felizmente o comprehendem e não só dá luz aos vocabulos, mas expõe tão vivamente as suas idéas, que as torna sensiveis á maior parte dos leitores; e pois se vê que hum espirito grande he juntamente forte, fino, e claro, contemplemos o homem de espirito justo.

IX.

O espirito justo ainda que se possa denotar pela sua conformidade á lei eterna, eu filosoficamente o considero pela sua pontual exactidão em pezar, e estimar a natureza, as propriedades, e os usos das coisas; d'on-

dese collige, que para ser hum homem de espirito justo, he preciso que elle forme sobre todas as idéas, e opiniões differentes juizos sempre adequados; mas para proferir estes juizos he preciso ser inteiramente desapainoxado, he preciso ter presente na memoria a noticia de todas as verdades humanas. Ora hum homem desta qualidade seria hum puro ente da razão, porque não ha hum só homem que saiba tudo, nem ha hum só que exista sem paixão. Diga-se pois que se não póde dar hum espirito, se não relativamente justo, e se o houvesse em toda a extensão do termo, seria então hum espirito universal.

Eis-aqui porque Aristarco, lendo hum pedaço de Filosofia moral, póde mui bem julgar da escolha, e disposição das palavras, mas será muito infeliz em penetrar o amago do systema, a solidez da doutrina, a união, e profundidade dos pensamentos; formou unicamente seu gos-

to sobre a mecanica das palavras, por isso lhe devem parecer falsas as coisas verdadeiras, e heterodoxas as doutrinas mais religiosas. Vice-versa Aristippo, grande pensador, formou, e apurou tão bem seu juizo em materias filosoficas, que se tornou nesta parte incomparavel; mas porque desprezou a força das expressões, a belleza, e escolha das palavras, he nesta parte hum infelicissimo julgador. Assim o Poeta Servilio, e o versejador Filinto devem julgar differentemente da mesma composição poetica; o primeiro porque he bom juiz da harmonia, da propriedade, e viveza das vozes, he muito máo juiz da invenção, e dispozição de hum Drama, o outro grande conhecedor das regras da arte, he disgraçado na composição de hum só verso harmonioso. Posso dizer o mesmo dos Pintores, se hum houvesse só trabalhado na invenção, outro no desenho, outro no colorido. A rectidão do juizo sendo pois o resultado de

hum grande numero de combinações, he preciso vêr bem, e he preciso vêr tudo para a possuir. Mas quem tem estes olhos? Ninguem, ainda que todos digão, que vêm tudo: por isso o Filosofo ha de julgar mal de huma inscripção, o Pintor de hum Soneto, e hum Pedante do systema methafisico; o Alfaiate dos fenomenos celestes, o marinheiro dos caracteres do milagre, o Theologo do modo de melhorar o proprio temperamento, e o Estadista das manchas solares, e dos habitantes da Lua. Daqui se conclue em primeiro lugar que serião felizes todas as sciencias, e artes, se dellas só julgassem os Professores; mas assim mesmo em nenhuma sciencia, ou arte se póde dar hum espirito universalmente justo. Consideremos pois em ultimo lugar que queirão dizer estes vocabulos muito vulgares. -- Homem de engenho livre, servil, difficil, embaraçado, e duro.

X.

Sendo os grandes entendimentos de ordinario mais combustiveis ao fogo das paixões, ainda mesmo quando conhecem a verdade, nem sempre tem animo de a dizer; livre pois se chama aquelle engenho, que com franqueza cynica exprime ao Mundo seus conceitos sem a mais pequena reserva: taes forão Machiavelli, Gregorio Leti, Rousseau, Bollingbrocke, Sarpi, e Montesquieu; todos estes exposerão as suas idéas com aquella lei, que requer huma exacta critica. Sobre tudo o Historiador deve ser deste caracter, e tão apaixonado da verdade, que se figure homem sem patria, sem parentes, sem amigos, sem governo, sem preoccupações. Eu amo, e venero o Napolitano Gianone pela sinceridade dos factos, pela sua admiravel ordem, porém muito mais venero, e admiro Luiz Antonio Muratori, porque ainda que se

exprima modestamente , nada deroga á verdade , e ás circunstancias mais interessantes: suas continuadas interjeições , seu ar melancolico , e compassivo, abrem dolorosas chagas no coração dos Grandes , e muito profundas , e desagradaveis á mesma Roma. Chama-se pois livre hum engenho todas as vezes que sinceramente communica seus pensamentos, e os factos acontecidos , e por esta idéa se conhece, que coisa seja pelo contrario hum engenho servil. Deste caracter he aquelle, que lisongea pessoas de todas as condições, para obter favores, dignidades, empregos, e protecção: dissimula humas coisas , altera as outras , passa em silencio a tyrannia, a oppressão , a avareza, a improbidade; engrandece as miudezas, e com todos he reservado, e suspeitoso. Segue-se o homem de engenho difficil , embaraçado , e duro, vocabulos, que são quasi synonimos. A pouca consistencia das fibras do cerebro, a confusão de seus

receptaculos, a alteração dos fluidos, e o desconcerto em comprehender, são causas efficientes de hum entendimento curto, obscuro, pequeno, e intricado. O repizar mil vezes huma mesma coisa, alongar os termos, tornallcs complicados, fazer jogar as mesmas expressões, ser limitado nas idéas, não ponderar as difficuldades, ou referillas sem arte, e sem convencer quem lê, são outros tantos resultados de huma mecanica sobre maneira pequena, e embaraçada. Daqui se segue que o engenho difficil, he tardo em conceber, perturba a série das coisas, e as torna pouco intelligiveis, exprime-se com trabalho, e confusão; por isto se não lêm muitos livros ainda que contenhão coisas boas, pelo contrario muitos são lidos unicamente pela boa ordem das idéas, e clareza das expressões. Em quanto a mim, amo, e quero a belleza do estilo, mas muito mais desejo a sublimidade, a novidade, e a união dos pensamentos:

se encontro este sublime, ainda que faltem as outras condições, não me desgosto. Taes são os principaes effeitos das combinações diversas das Potencias, e faculdades do homem. A brevidade necessaria neste filosofico quadro do homem, me obriga a deixar a declaração dos engenhos satyricos, litigiosos, dobres, versateis, e passo a contemplar as modalidades da Materia.

CAPITULO VII.

Dos Temperamentos do corpo.

SÃO differentes as feições, os pensamentos, e os costumes humanos, não só entre nação e nação, entre povo e povo, familia e familia, mas o mesmo homem, ao passo que muda de idade, de sustento, de governo, e de clima, he vario, e discorde em robustez, em tendencias, e appetites: examinemos pois o mo-

tivo, e a origem desta variedade. Ainda que o espirito se distingua da materia por suas diversas funcções, com tudo, por hum principio ignoto, tem esta a força de o alterar accidentalmente em todas as suas vontades, e tendencias. Eis-aqui porque o grande Cicero, no admiravel livro das Questões Tusculanas, diz com sublime Filosofia estas palavras -- Convem, e cumpre muito examinar o temperamento dos corpos em que estão collocados os animos; existem muitas coisas nos mesmos corpos que concorrem para aguçar o espirito, ou para o tornar obtuso. -- Daqui concluo, que a maior parte dos actos humanos sentem a influencia da materia, a qual, como diversa em suas qualidades, diversamente influe no espirito. Todo o corpo, ainda que minimo, tem sempre mistura de materias heterogeneas, e sempre mais, ou menos devem influir no espirio. O mesmo ar não he em toda a parte igualmente elastico, porque ha

lugares, huns levantados, outros baixos, e profundos, huns são cortados de montes, outros de rios; além disto ha sitios pantanosos, enchutos, arenosos; e assim o ar, porque diversamente impelle os nossos fluidos, e diversamente gravita sobre o nosso fisico, deve influir diversamente no corpo e no espirito. O velho Aristoteles no Liv. 4.º dos Problemas diz: --- A optima temperatura do ar não só he proficua á saude do corpo, mas á incorporea intelligencia humana. E Seneca, escrevendo a Elvia sua mãi, diz: --- *Ingenia hominum ad similitudinem cœli sunt formata.* Segundo estes principios, o temperamento he a particular constituição, mais propria de huns, que de outros homens, proveniente da mecanica dos sólidos, e do equilibrio dos fluidos. Esta constituição he infinitamente vária, e daqui nasce a diversa intelligencia, a diversa força, e a diversa conducta dos homens. Todos aquelles pois, que tem muita côr,

subtileza, e ligeireza de sangue, devem ser impetuosos, iracundos, audazes, impacientes, temerarios, e litigiosos. Os que tem o sangue soroso, espesso, e de tarda circulação, são tímidos, desconfiados, queixosos, tardos, mas faceis em se desesperar na adversidade. Aquelles cujos fluidos correm com socego, são alegres, joviaes, contentes, festivos, promptos, e animosos.

II.

Dividem-se pois os temperamentos em simplices, e primitivos, e em compostos, e mixtos. Conhecido pois o temperamento, por elle se póde conjecturar dos costumes, e da intelligencia do homem; e conhecendo-se os costumes, e a intelligencia por elles se póde igualmente ajuizar do temperamento. A isto allude o dito de Socrates a hum mancebo que se conservava taciturno em sua presença: --- Falla, para que te ve-

ja ; --- porque as feições externas, e a loquela, revelão, e dão a conhecer em grande parte o interior do homem. Com effeito, observando-se os Suecos, os Dinamarquezes, os Noroegos, os Moscovitas, e os Tartaros, em huma palavra, todos os povos septentrionaes, tão bellos, grandes, robustos, aguerridos, e até gigantescos, todos os julgão valorosos, continentes, tardos, obtusos, melancolicos, e taciturnos. Pelo contrario, considerando-se bem os Africanos, Arabes, Persas, e Ethyopes como habitadores de regiões ardentissimas, os vemos pequenos de estatura, macilentos, enervados, fuscos de côr, sentidos, tímidos, sagazes, crueis, mentirosos, viz, e efeminados. Donde concluo que os Inglezes, Alemães, Francezes, Portuguezes, Hespanhoes, Italianos, Gregos, e Turcos Europeos, são entre todas as nações os melhores como habitadores de climas os mais temperados do Globo, e são os que

conservão mais disposição para qualquer arte, ou disciplina: por isto os Italianos são inimitaveis na pintura, na esculptura, e na muzica, e são outrosim grandes politicos, e grandes pensadores. Os Inglezes são grandes mecanicos, e profundos methafisicos. Os Portuguezes são tudo o que querem ser. Os Francezes fallão muito, e dançáo muito, e assim mesmo são methodicos em o que escrevem. Os Alemães são bons quimicos, melhores medicos, e sapientissimos jurisconsultos. Cumpre com tudo advertir, que estas nações não são todas de hum mesmo temperamento a respeito de si mesmas: porque os Inglezes são mortalmente melancolicos, os Alemães fleumaticos, os Francezes sanguinosos, os Portuguezes coléricos, e colerico-sanguineos os Italianos; e assim como nem todos os Francezes são sanguineos, nem todos os Portuguezes coléricos, assim tambem nem em todos os Alemães, e Inglezes domina o mesmo

temperamento. Não só varião todos os homens entre si, mas o mesmo homem passa por todos os differentes temperamentos; com o variar da idade, varîa tambem a consistencia das fibras, e a circulação dos fluidos. Observem-se os meninos, todos são mentirosos, somnolentos, irreflexivos, descuidados; e porque? Porque nelles domina o temperamento fleumatico. Com o volver dos annos cresce nelles a copia do humor nerveo, torna-se-lhe o sangue mais vivo, mais copioso, mais combustivel, deve por isto augmentar-se o amor dos prazeres, e tornarem-se alegres, francos, festivos; tudo isto são effeitos do temperamento sanguineo, que domina em quasi todos os mancebos.

III.

Segue-se á juventude a idade viril, que he o melhor estado que a natureza nos póde dar; nelle se

emenda tudo o que a mocidade, e velhice tem defeituoso. Porque de ordinario os adultos não são nem pródigos, nem avaros, mas liberaes; menos temem que confião: tudo isto são consequencias do temperamento colérico. Por ultimo, os velhos são avaros, pertinazes, querulos, e falladores, effeitos do temperamento melancolico. Eis-aqui como o mesmo homem, mudando de idade, muda de temperamento. Na infancia fleumatico, na juventude sanguineo, na virilidade colérico, na velhice melancolico. Não erraremos se dissermos, que o fisico influe nas qualidades moraes. Com esta influencia se modificão nossos costumes, intelligencia, governo civil, leis e milicia. Esta sciencia dos temperamentos he igualmente necessaria aos que mandão, e aos que obedecem. He precisa esta sciencia dos temperamentos a todos os membros da sociedade civil, para formar, e conservar entre si a harmonia politica:

a sua ignorancia tem dissolvido, e acabado as mais florescentes Republicas, as mais estreitas, e antigas sociedades. Se Tarquinio tivesse conhecido Bruto, não teria sido expulso de Roma, e se o Senado tivesse conhecido a tempo a ambição de Cesar, não teria perdido, e para sempre a liberdade, e representação. Esta ignorancia tem causado em grande parte todas as desordens civis. Tantos Filosofos, tão vastos genios, como elles se dizião, que composerão, desde o momento da Revolução, o sempre vacillante, e fluctuante governo de França, nunca conhecêrão, nem pelas primeiras acções de Bonaparte no Collegio de Briene, nem pelas sanguinarias scenas de París, e de Marselha o temperamento, e caracter de Bonaparte; foi demencia o levanta-lo, demencia conserva-lo, e maior demencia ainda a dos que chorão por hum Burro, e por hum Tigre. Filosofos houve, (porque ha Filosofos para

tudo) que pertendêrão enxertar os temperamentos para apurarem, e fazerem mais castiça a raça humana, como se faz aos cavallos, e aos zambujeiros: por exemplo se se unisse hum Francez a huma mulher Alemã, a prole não traria em si nem a vaidade do pai, nem a fleuma da mãi. Delirios!!!

CAPITULO VIII.

Das propensões do Espirito.

I.

DAs modalidades da materia passo ás do espirito, o qual, sendo de sua natureza activo, mobil, pensante, tem alguns naturaes movimentos chamados pendíos, tendencias, e inclinações: fallemos dos que dizem relação ao corpo. Primeiramente, qualquer coisa existe huma em quanto he huma, e cessando de ser huma, acaba de existir. Parta-se huma esféra, teremos duas partes della. Ora, toda a natureza se empenha em con-

servar esta unidade, por isso os corpos resistem ás impressões externas, e as partes que os compõe são firmissimamente unidas. O ar, a agoa, o fogo, e os outros fluidos ainda que facilmente se deixem dividir, prestes tornão á sua primeira união. Outro tanto se observa nas plantas, nos metaes, e nos animaes. A conservação de si mesmo he huma lei inalteravel em a natureza. Este he o motivo porque em todos os semoventes ha huma especie de mecanica de discernir, e distinguir o util do nocivo, huma tendencia em conseguir o primeiro, e esquivar-se ao segundo, hum ímpeto grande quando se trata do sustento; todos finalmente amão o prazer, e aborrecem a dôr. A outra tendencia natural, he a procreação da prole, porque correndo a seu fim, todas as coisas, para occorrer a esta consumpção, a todo o semovente foi dado o impulso de se reproduzir; esta reprodução abrange todas as especies de seres,

huma vez que sejão organicos. Esta tendencia seria inutil se depois de se crear a prole se abandonasse, por isso accendeo a natureza hum fogo inextinguivel de amor em os pais para com seus filhos. Dura este impulso nos brutos até á grandeza da prole, nos homens he indestructivel.

II.

Entre as tendencias proprias do espirito a primeira he o desejo de saber, desejo este, que argue em nós como huma origem celestial. *Rapimur studis sciendi*, escreveo Cicero. E com effeito, que ardor de se doutrinar não devisamos em Thales, em Pythagoras, em Demócrito, em Platão, em Anaxagoras, e em Archimedes! Em mim o sinto. Quanto peregrinárão aquelles antigos sabios! Muitos desprezárão o proprio patrimonio, abdicárão o throno, e olhárão com menos cabo para a propria vida: conclúo pois que a Natureza

depositára em nós huma semente, hum germen prodigioso de virtude, o qual se accende, e se desenvolve á vista dos objectos exteriores, quando a doutrina, e o estudo lhe dão alento. Junta-se ao desejo de encontrar a verdade, e de saber, o desejo da liberdade; e deste desejo se derivão dois, que sempre degenerão em abuso; o desejo de se não querer sujeitar a ninguem, e o desejo de dominar os outros: o primeiro nasce da igualdade em que nos constituio a Natureza, e o segredo de o julgarmos hum meio para nossa felicidade. Deste tem nascido todos esses que se querem chamar Heroes, quando opprimem a humanidade; deste tem procedido todas as desordens, e revoluções civiz, a escravidão, e os ridiculos caprichos de honra mal entendida, que se não costumão satisfazer senão com o sangue de victimas humanas, sendo sempre certo que pelos delirios dos Grandes *plectuntur Achivi.* He tambem hu-

ma propensão do espirito o amor da belleza, ainda que se não saiba, que coisa seja em si mesma, e em que consista. Platão lhe chama o lume, e o esplendor da bondade: outros a fizerão consistir na symmetria das partes, outros nas fórmas das coisas outros no que he porporcionado, e analogo ás nossas faculdades; finalmente outros a fazem consistir na variedade reduzida á unidade. Mas de que maneira se póde, ou transportar, ou applicar a belleza que nasce das symmetrias materiaes aos objectos moraes? Que queremos dizer quando dizemos, bella oração, bella virtude, alma bella, e bella sciencia? E se esta he huma propriedade do espirito como se applica á materia? De que maneira varia a idéa da belleza, segundo os tempos, os climas, os genios, os sexos, a idade, e a educação? Estas soluções são fóra do meu instituto, e muito superiores a curta, e estreita esféra da minha intelligencia. Seja embora

intricada, e obscura a idéa da belleza, basta que se me conceda, que entre todos os animaes só o homem he capaz do sentimento da medida, da conveniencia, e da symmetria das coisas.

III.

Depois destas propensões, observa-se no homem hum pendor, e inclinação natural para a sociedade. Esta verdade se deduz de huma força primitiva que une tudo em a Natureza: isto se vê nos animaes, nas plantas, nos mineraes, que nascem em certos, e determinados lugares; deduz-se do uso da palavra, que lhe foi concedido para exprimir seus sentimentos, e finalmente da voz interior da Natureza, que lhe diz que sem sociedade não póde ser feliz, nem subsistir. Ninguem, diz o prodigioso Marco Tullio, ninguem quererá viver em huma absoluta solidão, ainda com toda a abundancia, e affluencia de prazeres; o que facilmen-

te nos mostra que nascemos para a congregação, e natural communidade dos outros homens. Igualmente sentimos em nós hum vivo desejo de conseguir o bem, e de declinar, ou evitar o mal. Chama-se bem tudo aquillo que se encaminha a nos melhorar, e aperfeiçoar; chama-se mal tudo o que conspira em nossa destruição. Tambem somos levados, e inclinados pela Natureza para a amizade. He a amizade hum dom tão precioso, que sem elle todas as nossas acções, toda a nossa boa, ou má ventura, até ficarião aviltadas. Eu poderia juntar, e accrescentar muitos aos já mencionados impulsos, como a inclinação, que temos para o que he honesto, para o que he justo, e a tendencia, que experimentamos para as dignidades, para as riquezas, para as destincções, e para a felicidade; este unico impulso he o mais activo, e a este só se reduzem todos os outros. A investigação da verdade, o attractivo da formosura, a liberdade,

o dominio, o desejo de se enriquecer, a amizade, o ser honrado, reverenciado, applaudido, temido, tudo se encaminha, ou conspira para conseguirmos o fim unico, a felicidade. E de tudo isto eu concluo, que todas as propensões do espirito se reduzem a duas, á existencia, e á felicidade: procuremos promover ambas; porque sem o prazer da existencia não se póde viver seguro, e são, e a vida separada da tranquillidade he huma contínua, e imperfeita morte.

CAPITULO IX.

Das paixões em geral, e do Amor proprio, unico affecto primitivo em o homem.

I.

AS duas substansias, a que chamamos corpo, e espirito, de tal maneira se ligão, e estreitamente enca-

deão, que desta íntima união resulta e se deriva huma terceira natureza a que podemos chamar humana. Os actos que desta procedem, são diversos dos actos, que procedem de cada huma daquellas duas substancias consideradas separadamente. Isto he por extremo methafisico; he preciso mais clareza. A força do corpo chama-se temperamento, a actividade do espirito chama-se propensão, o ímpeto da natureza humana chama-se affecto, ou paixão: a força do corpo he o resultado da statica dos solidos, e dos fluidos, a actividade do espirito he de algum modo o seu elaterio. Os appetites são os productos das sensasões do espirito, excitadas pela alteração do corpo, e por isto os affectos humanos não são nem méros movimentos mecanicos, nem puros actos espirituaes, mas como provenientes de huma, e de outra substancia são outras tantas alterações reciprocas de ambas. Dão-se estes combates no campo do

coração por meio dos movimentos do sangue, o qual, óra contraindo-se, óra rarefazendo-se, faz transpirar sua alteração até á periferia do corpo. He preciso pois anatomizar este coração humano. Ah! quem poderá dar hum mappa exacto de todos os gráos de suas mínimas alterações, com as causas fisicas porque crescem, e decrescem em sua actividade! Esta analyse seria muito interessante á moral; mas ainda até agora se não fez, o que prova sua extrema difficuldade!

II.

Ainda que Platão reduzisse o numero das paixões a seis, isto he, o prazer, a dôr, a audacia, o temor, a ira, a esperança, tambem disse que além destas havia innumeraveis que não tinhão nome. Aristoteles fluctua sempre, e até se contradiz. Na Rethorica tracta da dôr, e do deleite, e nos livros dirigidos a Nicómaco,

e nos tratados Moraes, faz das mesmas paixões hum amplo catálogo. O grande Cicero, nas Questões Tusculanas, he de parecer que os appetites se podem reduzir a quatro classes, as quaes nascem dos bens, e dos males, tanto presentes como futuros. Dos bens nascem a alegria, e o desejo, e dos males a dôr, e o receio. Estas são como os quatro estandartes que attrahem, e levão apoz si todo o exercito das outras paixões. Eu, depois de tantas opiniões de Filosofos, simplificando quanto posso as idéas no conhecimento proprio, reduzo todas as paixões a duas. --- Amor, e odio. Estas são as duas forças que agitão o homem, como as duas forças centraes formão a harmonia da maquina mundana. Vejo pois no homem huma paixão elementar, e primitiva, que vem a ser o amor da propria felicidade. Sem esta paixão primitiva, o homem se deixaria a si mesmo indefezo, e nós vemos que todos os homens são mo-

vidos, e agitados desta unica, e potentissima móla. A voz da Natureza grita a cada hum dos homens: --- Conserva-te. --- Esta conservação he em todos os homens huma força mecanica. Esta voz he nossa íntima consciencia, e este appetite he inseparavel de nossas primeiras necessidades fisicas. O amor de nós mesmos fórma a unidade primitiva no systema dos tão inexplicaveis fenómenos do coração.

III.

Ha em a Natureza huma lei inalteravel. --- Todo o objecto resiste ás impressões externas, e a resistencia equivale á força do choque. Todo o ser quer existir, e como póde existir sem que se ame? Logo todo o ser se ama a si mesmo. Dissolva-se por alguns instantes esta aurea cadea do amor proprio universal, ver-se-ha repentinamente toda a Natureza inerte, e entrando toda em

seu antigo cáhos. Sem este ímpeto não haveria acção nas forças, effeitos nas causas, productos em a Natureza. Sem hum grande contraste de forças, as quaes formão a presente harmonia, cada hum dos seres em o primeiro momento da sua vida, seria preza irreparavel de seu visinho. A existencia pois de todo o ser pede, e exige o amor da propria felicidade. Todos os homens são levados deste principio em suas acções naturaes. Considerem-se os individuos, as Communidades, as Provincias, as Nações: entre-se nas choupanas dos pastores, nas casas dos Cidadãos, nos pavilhões dos Generaes; penetre-se até aos gabinetes dos Legisladores, até aos Sanctuarios dos Cenobitas, ver-se-ha que o unico principio motor he o interesse pessoal, ou commum. Logo, todo o homem por natureza se ama a si mesmo: d'onde conclúo, que este amor he hum ímpeto da Natureza, a que se não resiste sem violar a mesma Natureza;

para isto nos armou ella de sagacidade, de braços, e de pés: por isto somos activos, intrépidos, incançaveis, amamos o prazer, e detestamos a dôr; he pois natural o amor de si mesmo. Esta mecanica da Natureza he sustentada pela força da razão, a qual não faz mais que aconselhar-nos o amor de nós mesmos, que a mesma razão regula em os desconcertos. Este fogo se mantem, e conserva accezo até no peito dos mais mortificados Filosofos, e penitentes Anacoretas. Se he possivel, considere-se hum homem desprovido, e desarmado deste affecto, eilo repentina victima da necessidade, e da mais extrema indigencia. Abandonado a si mesmo, e só comsigo, apenas póde esperar o momento fatal que o destrua: nem as nossas precisões se podem conceber separadas deste amor. Forçados pois, e levados, ou agitados, e movidos desta occulta móla, consideramos todas as coisas do Universo relativas

a nós: todas as paixões humanas não são mais que outras tantas reacções do unico amor de nós mesmos. He amor proprio o amor que temos aos outros, o odio que temos aos inimigos, a esperança dos bens futuros, o temor, a tristeza, e até a mesma desesperação. Este amor de nós mesmos he aquelle ardente, e inextinguivel fogo, que nos obriga a referir tudo á nossa propria utilidade, e todos os appetites não são mais que outras tantas modificações deste amor, bem como todos os movimentos curvos nascem da reacção do movimento directo. Concluo pois, que o amor da propria felicidade he a unidade primitiva na mysteriosa escada das paixões humanas; sem elle todo o ser seria estupido, e insensato. Até o mesmo odio de Nero contra sua mãi, sua mulher, e seu Mestre, nasceo deste principio: com este principio chamou o Eunuco Narcete os Hunos á Italia: daqui nasceo a crueldade de Bonaparte, e até a sua

mesma brutal estupidez no quimérico projecto do dominio universal. Este he o universal motor do coração humano, e elle o agita, e o domina; ora o faz alegre, ora triste, ora tímido, ora atrevido. Devo confessar que descobri pela analyse outra força primitiva. --- a Inercia. --- Deduzo esta verdade do conhecimento da materia, de que o homem consta tambem, que he de sua natureza inerte; das muitas difficuldades que se encontrão no trabalho; do consumo das forças fisicas, e moraes que diariamente se faz; da escacez dos laboriosos; da facilidade de crer nas opiniões, nas preoccupações, nas apparencias para se poupar ao trabalho de discorrer; da facilidade de tornar ao ocio depois de satisfeitas as primeiras necessidades fisicas; da multidão dos ociosos, especialmente em climas ardentes. Os Hottentotes, os Cafres, os Canibaes, os Caraibas, os antigos Mexicanos, os quaes, além de não quererem pensar, se deixarão

morrer de fome, só por não prepararem com trabalho o proprio sustento. Eis-aqui o motivo porque nas sciencias, e nas artes se achão tantas progressões crescentes, e decrescentes: porque o estado de inercia he natural ao homem, e o laborioso he violento.

CAPITULO X.

São, ou não são uteis ao homem as paixões?

I.

TEnho considerado o homem natural pelo que pertence a seu corpo, a seu espirito, a seu coração, não só pelo estudo do que os Filosofos disserão a este respeito, mas pela propria reflexão, e meditação, unico estado para que me sinto nascido, e disposto. (Se as contumazes privações da fortuna, que me obrigão a buscar o mais parco sustento

no mais activo trabalho, com não pequena ingratidão da Patria, me não privassem do estado da meditação, talvez me esforçára em fazer que não tivesse Portugal que invejar a Nação alguma em filosofia.) Não me resta mais que considerar as paixões, sobre que mui pouco se tem dito a respeito do homem: isto vou fazer neste ultimo Capitulo.

As paixões são ao homem o que he o movimento á Natureza, e assim como este cria, e anniquila, ou destroe, conserva, e anima o todo, assim tambem as paixões, affroxão, ou affogueão o homem. A gloria obrigou os Portuguezes, e depois delles milhares de Europeos, a sulcarem, ou vadearem, ou devassarem perigosos mares, e a descobrir incognitas terras. O interesse tem feito encruecer os homens contra sua propria especie, e a tornar desertos, e inhospitos vastissimos terrenos. O orgulho guia a Annibal pelos inaccessiveis Alpes; a vingança, soberba, e

ambição guião a Bonaparte pelos gelados ermos dos Moscovitas. Por ambição destruírão, e exterminárão os Romanos aos Samnitas, por ella os Arabes senhoreárão o Occidente, por ella os Tartaros devastárão tantas vezes a Azia, e se apoderárão da China; os Francos combatêrão os Saxões; os Godos os Vandalos, os Herulos os Hunos, os Sarracenos conculcárão, e demolírão a Italia. A honra arma e Scevola contra Porsena, e conserva Regulo intrépido no meio de seus inimigos: obriga a Timico Filosofo Pythagorico a partir, e cortar a lingua com os dentes, para não revelar os arcanos da sua seita. O fanatismo Filosofico obriga a Crates a lançar ao mar tudo o que possuia, e reduz a Diogenes a viver dentro de huma cúba, Heráclito a chorar, Demócrito a rir sempre, Epicuro ao atheismo, e Aretino ao desaforo. O fanatismo da guerra tem dado a morte há vinte e cinco annos a milhões de homens. Talvez que o

fanatismo de Religião, que he a Religião mal entendida, désse ainda a mais milhões de homens a morte na Europa, na Asia, e sobre tudo na America. O delirante amor da liberdade fez a Revolução Franceza, e que damnos tem feito á humanidade a Revolução Franceza? A historia desta Revolução espantosa offerece mais horrores aos olhos do Filosofo, que Zarate, Herrera, Solis, e Las Casas, na Historia do Novo Mundo. O amor da Patria mal entendido, que vem a ser o fanatismo patriotico, tem feito outro tanto. Este obrigou a Catão a clamar contra Sylla, oppressor de Roma, e a dizer: --- Catão vive, ainda Roma está salva. Aquelle mesmo Catão que desbaratado, e vencido depois da morte de Pompeo se havia retirado a Utica, e que respondeo aos que lhe aconselhavão que consultasse o oraculo de Jupiter Amon: --- Deixemos esses oraculos para as mulheres, para os poltrões, e para os igno-

rantes ; o homem animoso he independente dos Numes, e sabe por si mesmo viver, e morrer, e sempre com o mesmo rosto se apresenta a seu destino, ou o conheça, ou o ignore. --- Este patriotismo encheo de valor a Elvidio para responder a Vespasiano que o ameaçava com a morte: --- Por ventura cuidas tu que eu seja immortal? Tu farias o teu officio de Tyranno dando-me a morte, e eu o de Cidadão recebendo-a sem me alterar, e sem temer. Não só isto, que he profano; mas as mais asperas penitencias de tantos Anacoretas, as cruzes, os equleos, os cilicios, as disciplinas, os jejuns, e outros infinitos rigores são outros tantos effeitos de huma ardentissima paixão. Em fim de huma paixão nascêrão tantas seitas de Filosofos desde que ha este nome na terra até aos nossos dias.

II.

Estas paixões consideradas por outro lado merecem o nome de hum ardor celeste que aviva, accende o mundo moral, e sem ellas tudo permaneceria em hum torpor deploravel. Quem póde duvidar que a invenção de tantas artes, e sciencias tiverão principio nestas paixões! Só ellas são o germen productor, e o espirito, e o esforço que em todo o tempo excitárão, e impellírão os homens a grandes emprezas, e a extraordinarios feitos. Eis-aqui porque todos os grandes Politicos, e grandes Capitães excitárão, e movêrão opportunamente estas paixões servindo-se para isto de diversos meios como a honra, a gloria, a utilidade, a necessidade: tambem concorrem para as accender os troféos, as coroas, as distinções, os louros, os titulos, as dignidades, em huma palavra, tudo póde ser materia combus-

tivel, e inflammavel das nossas paixões. Seria preciso hum longo filosofar para conhecer a natureza das paixões, e graduar sua actividade até aos ultimos limites. Apodera-se, pelas paixões, do nosso coração huma especie de fanatismo, e lhe faz produzir effeitos admiraveis. Devem possuir a eloquencia das paixões todos aquelles que áspirão á immortalidade do nome, ou querem formar alguma revolução nas artes, e nas sciencias. São as paixões hum fogo que inflamma a fantazia, que introduz huma certa fermentação nas idéas, que fecundadas se levantão acima de sua natural esféra: sem este fogo as idéas serião sempre estereis como huma semente lançada na arêa. Estas paixões grangeárão o nome de Grande a Hercules, a Romulo, a Alexandre, os quaes para crescerem mais na opinião dos homens se fizerão chamar filhos de Venus, de Marte, de Jove. Outro tanto podemos dizer de Numa, de Zamolxis,

de Zaleuco, de Sertorio, de Mafoma; porque o primeiro se inculcou inspirado pela Ninfa Egeria, o segundo pela Deosa Vesta, o terceiro por Minerva, o quarto por huma Corsa, e o ultimo imaginou colloquios com o Arcangelo Gabriel. Para alterar, e accender o enthusiasmo nos combatentes, Timoleão, marchando contra os Sicilianos, fez de noite preceder o exercito por hum grande facho acceso, dizendo que era guiado por Proserpina. Péricles fez correr hum coche, tirado por quatro cavallos brancos, guiados por hum homem de extraordinaria estatura, que passando clamasse: --- Pericles, eu te prometto a victoria. --- Epaminondas fez pendurar as armas em hum Templo, para fazer crer a seus combatentes que os Deoses se interessavão em suas vantagens. Mafoma promette aos seus fieis hum Paraizo cheio de mulheres formosas. Em fim o Conde de Dunois para fazer triunfar os Francezes dos Inglezes armou

de hum sagrado enthusiasmo a Donzella de Orleans. A este fim se encaminhão as arengas dos Generaes de exercito, as quaes são tanto mais activas, quanto maiores são os apuros em que se considerão. De tudo isto se colhe, que as nossas paixões, longe de serem de sua natureza perniciosas, são uteis, e necessarias, em quanto a sua febre accende, e altera de tal arte a fantazia, que os homens produzem effeitos singulares: e observo que as acções humanas estão na razão directa com as paixões; as pequenas fazem os homens pequenos, as mediocres mediocres, as grandes os immortalizão, quando são reguladas pela razão, e pela justiça: e eu sou de parecer que para obrar são necessarias aos homens as paixões, porque as acções são outros tantos productos das paixões, e estas outras tantas reacções das forças activas: logo, o homem sem reacção he o homem sem paixão, e conseguintemente hum estupido. Além disto,

as paixões são a efervescencia dos fluidos, huma quasi febre da fantazia, occasionada pelo poder dos objectos. Constituí hum homem em algum cargo eminente de que dependa o bem público, se o despojais das paixões, o privais logo de todo o espirito necessario para desempenhar o cargo. Os que querem destruir, e anniquilar inteiramente as paixões são ruinosos, prejudiciaes ao homem, e á sociedade, destróem todos os effeitos no homem, e o fazem estupido, e sem virtude. Eu me explico, chama-se huma acção virtuosa, todas as vezes que he feita segundo as regras inalteraveis do honesto; e as regras do honesto são as mesmas da lei; esta he o producto dos cálculos da recta razão, a qual se encaminha a refrear a intemperança dos appetites; logo, as paixões são a materia das virtudes, logo, anniquilar as paixões he tirar toda a razão de cálculo, de virtude, de raciocinio, e de lei. Para contra-

hir hum habito, he preciso repetir muitas vezes os mesmos actos virtuosos, estes actos crescem em intenção á medida das forças dos obstaculos: he mais virtuoso hum sanguineo em amortecer o seu fogo amoroso, que hum fleumatico: daqui se vê que a virtude não he outra coisa mais que fazer bom uso das paixões; mas para isto he preciso accendellas se são muito lentas, temperallas se são muito fogosas, e finalmente, encaminhallas, se acaso se extravião. Daqui concluo que a raiz de todas as virtudes são as affeições, as quaes se reduzem a saber bem amar, e bem aborrecer. Com effeito o amor he virtude quando tem por objecto a Deos, os pais, os parentes, os amigos, os bemfeitores, a justiça, a honestidade, a belleza, os filhos, e a mulher; e he amor vicioso querer amar Deos como as creaturas, e as creaturas como Deos. O odio he virtude, quando se encaminha a aborrecer a desenvoltura, a intemperan-

ça, a irreligião, a hypocrisia, a avareza, a imprudencia, e a injustiça; pelo contrario he vicioso se aborrece a honra, a parcimonia, a affabilidade, o cidadão, o bemfeitor, e os proprios pais. Logo, he claro que aquelles que sem reflexão declamão contra as paixões não fazem mais que satirizar a virtude, ou não entendem por paixões senão o seu abuso. Mas eu oiço dizer-se-me: a maxima parte dos males fisicos, moraes, e politicos, são outros tantos effeitos das paixões; destas paixões tem nascido tantas guerras, tantas assolações, tantas invasões injustas, tantas mortes, tantas traições, vinganças, injustiças, tantos odios, tantas desventuras; e estes males são sempre porporcionados ao numero, e á intensidade das paixões; e como nocivas ao homem, e ao Estado, merecem ser inteiramente destruidas, e exterminadas.

Respondo, que não he esta a indole, e a natureza das paixões, to-

dos esses males que se lhes atribuem nascem de sua desordem, e do seu abuso. Póde haver coisa mais util aos homens, que os Elementos, e que a Razão? E com tudo, quantas Cidades, quantos homens não tem consummido o fogo, o ar, e a agoa! Quantos paradoxos, quantos absurdos tem produzido o entendimento humano! Não ha hum só erro, que não tenha tido algum patrono. O homem póde abusar de tudo, até das suas mesmas paixões; e concluo esta tentativa do conhecimento do homem natural só com os soccorros da razão, apontando os principaes abusos das paixões, e os meios de os refrear.

A primeira paixão que tanto nos conturba, e inclina para o mal com seus abusos, he o amor proprio: este se mascára de tão diversas fórmas, de tantos, e tão contrarios modos, tantas ciladas nos arma, e tantos laços nos tece, que he quasi impossivel não ficarmos surprehendidos; por-

que cégos deste amor, julgamos feio, pequeno, e indecente, o que he bello, o que he grande, o que he virtuoso, e *vice versa*: a utilidade he a sua regra, com ella tudo peza, e tudo mede, e por isso quando este amor se não governa, e dirige pela razão, não fórma mais que juizos erroneos, e falsos. Segue-se ao abuso do amor proprio, o abuso do amor que temos aos outros: isto tem infinitas divisões, porque póde entrar em tal abuso o amor que temos aos pais, aos amigos, ás riquezas, e ás honras. Até he hum abuso desta paixão amar o que se deve aborrecer. Outros abusos tem as outras paixões que tem sido causa de incalculaveis desgraças; eu as não relato, porque são muito palpaveis; esta verdade se demostra claramente pelas historias de todos os lugares, e de todos os tempos, que não são mais, que outras tantas taboas das alterações do coração humano. Ora assim como as paixões bem reguladas produzem os

maiores bens ao homem, assim tambem as desordenadas, e os seus abusos lhe causão os maiores males. Isto mostra a necessidade de as regular; de outra sorte, em lugar de exaltarem, e sublimarem a Natureza humana, a deprimem, e aviltão. He preciso pois como fructo do conhecimento do homem, ter prudencia, e ter temperança: a primeira destas virtudes guia o espirito, a outra conserva o corpo.

Tal he o tratado do conhecimento do Homem da Natureza, tal he o primeiro passo na grande arte de se conhecer a si mesmo, e em si os seus similhantes.

FIM